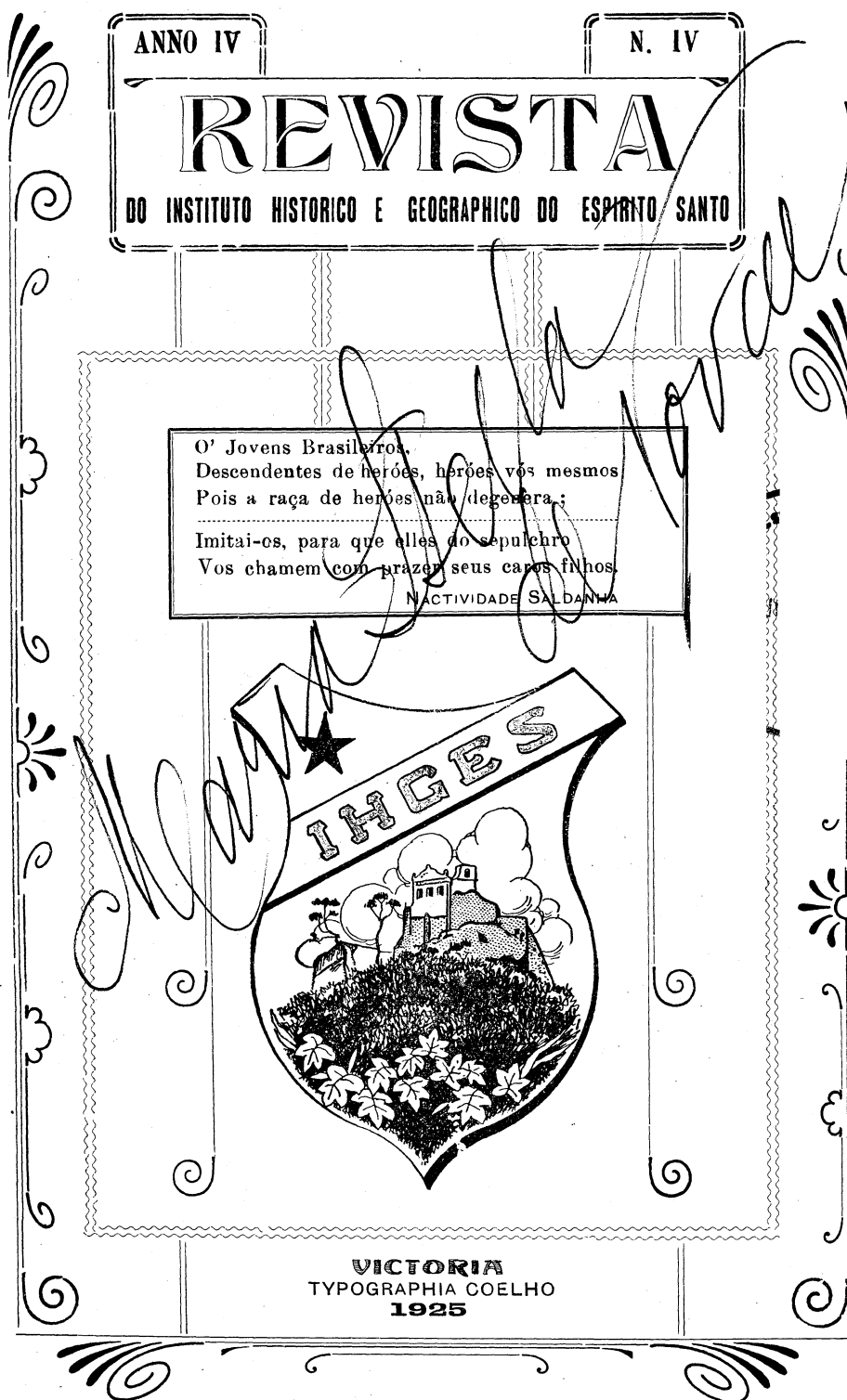
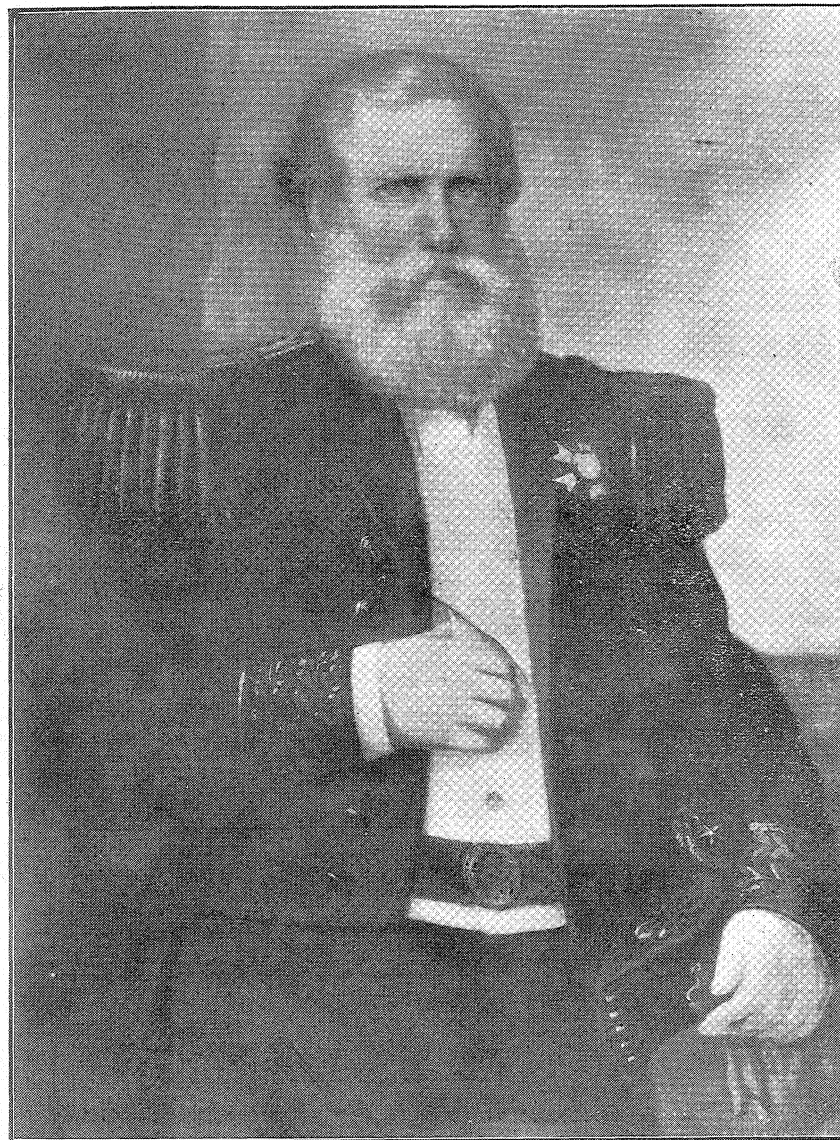
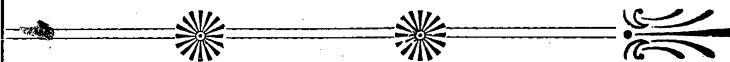




HONRA AO MERITO



Galeria do Instituto Historico do Espirito Santo



Ingratos

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minh'alma forte
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá continua f'licidade
E amanhã – nem um bem que nos conforte.

Mas a dôr que exerceia e que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e prompto mata,

E' ver na mão cuspir á extrema hora
A mesma boeca adulatora e ingrata,
Que tantos beijos nella poz outr'ora.

D. Pedro II



O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

*Noticia das homenagens prestadas pelo Instituto em commemoração
á passagem do Centenario da Emancipação Politica do Paiz*

Em sessão ordinaria de cinco de agosto de mil novecentos e vinte e dois, ficou resolvido o Instituto Historico commemorar condignamente a passagem do Centenario da Independencia do Brasil, fazendo executar o programma discutido e approvedo nessa mesma sessão.

No dia oito de setembro desse anno de mil novecentos e vinte e dois, em cumprimento ao programma traçado, o Instituto Historico levou a effeito a romaria civica á Gruta Pedro Palacios, em a visinha cidade do Espirito Santo.

Foi essa a noticia que esta Secretaria deu para publicidade no orgão official do Estado, e que aqui reproduziremos :

GRUTA PEDRO PALACIOS

Acompanhado de alguns membros da Comissão Organizadora das festas do Centenario, do representante do sr. Presidente do Estado e membros da imprensa, e uma banda de musica, o Instituto representado pelo seu Presidente e Secretarios, demandou á cidade do Espirito Santo na possante lancha «Tenente Ferro».

Na visinha cidade foram recebidos pelo illustre Prefeito, sr. José Vereza, Presidente da Camara, cel. Henrique Laranja, exmas. familias e pessoas gradas.

Em frente á Gruta Pedro Palacios, usou da palavra o illustre advogado dr. José Sette, que saudou o Instituto em nome das autoridades e do povo villavelhense.

Seguiu-se com a palavra o illustre Secretario do Instituto, dr. Aristoteles da Silva Santos, que pronunciou bellissima e patriótica oração sobre a obra do abnegado Frei Palacios.

A convite do Prefeito, sr. José Vereza, a comitiva dirigiu-se á Prefeitura onde foi servida lauta mesa de doces. Ao champagne houve a troca de amistosos brindes, sendo saudado, pelo dr. Sette, o representante do sr. Presidente do Estado.

Da Prefeitura demandamos á Rua da Praia, onde procedeu-se á inauguração de uma placa, dando á rua a denominação de Avenida 7 de Setembro.

Essa placa foi offerta da novel sociedade «Club dos Democraticos» á Prefeitura.

Em nome da sociedade, offereceu a placa ao municipio o dr. Aristoteles da Silva Santos, agradecendo o dr. José Sette, em nome das autoridades municipaes.

O monumento a Anchieta

O Instituto Historico, fiél ao cumprimento das homenagens civicas que deliberou prestar aos nossos maiores, áquelles que se tornaram credores de toda nossa veneração, pelo muito que fizeram pelo Espirito Santo, no dia 10 prestou os devidos preitos de gratidão e patriotismo ás veneraveis memorias de Anchieta, o abnegado apostolo da Civilização e Domingos Martins, o heróe e martyr Espirito Santense, um dos valorosos tombados pela sagrada causa da Independencia da Patria.

A's 10 horas, presente no salão de visitas do «Diario da Manhã» a directoria do Instituto, varios socios, entre os quaes o sr. Bispo Diocesano e o sr. Secretario do Interior, os representantes da Comissão Organizadora das festas do Centenario, dr. Laurentino Proença e sr. Paulo Motta, illustres cavalheiros da nossa sociedade e pessoas gradas, uma comissão composta do sr. vice-Presidente do Instituto, em exercicio, dr. Araujo Primo e primeiro Secretario, dr. Aristoteles da Silva Santos, foi ao Palacio do Governo para acompanhar o sr. Presidente do Estado.

O Chefe do Estado fez-se acompanhar de suas casas civil e militar, sendo recebido no «Diario» pelo Instituto encorporado, Director Commercial da Imprensa, sr. Hurano de Séllos e pessoas gradas, tocando na occasião, a banda de musica do Corpo de Policia o Hymno Espirito Santense.

O Secretario do Instituto sr. Adolfo Fraga, encaminhou os presentes á parte onde se encontra o artistico monumento a Anchieta, obra primorosa executada pelo sr. Paulo Motta.

Ahi usou da palavra o illustre orador official do Instituto, dr. Alarico de Freitas que, em phrases cheias de vida e patriotismo, muito bem disse da acção benefica de Anchieta em nosso meio primitivo e de toda a sua obra civilizadora.

Ao concluir, o orador recebeu os applausos de todos os presentes.

Domingos Martins

Novamente o sr. Adolfo Fraga, segundo Secretario do Instituto, acompanhou os presentes ao salão de visitas do «Diario», de onde o dr. Aristoteles da Silva Santos, em nome do Instituto, rendeu homenagens a Domingos Martins.

A oração do illustre primeiro Secretario do Instituto foi moldada em as mais puras manifestações de ensino, enaltecendo o heroismo do martyr da Revolução Pernambucana.

As suas ultimas palavras foram muito applaudidas, tocando a banda de musica o Hymno da Independencia.

A mesma commissão do Instituto acompanhou o sr. Presidente do Estado ao Palacio do Governo tendo sido executado, á sua saída, o Hymno Espirito Santense.

A sessão solenne do Instituto

Transferida do dia 7, por motivo de força maior, teve lugar ás 19 horas do dia 10, em a sede social, a sessão solenne do Instituto Historico, em commemoração á passagem do Centenario da Emancipação Política do Paiz.

Às 19 e meia horas, literalmente repleto o salão das sessões, de socios, eximas. familias, funcionarios federaes e estadoaes, membros da commissão das festas do Centenario, o dr. Araujo Primo, primeiro vice-Presidente, em exercicio, assumiu a presidencia, ladeado do primeiro Secretario dr. Aristoteles da Silva Santos e segundo Secretario Adolfo Fraga.

A commissão composta dos socios drs. Henrique O'Reilly de Souza, tenente Octavio de Araujo e professor Heraclito Amancio Pereira, dirigiu-se ao Palacio do Governo, para acompanhar o sr. Presidente do Estado ao Instituto.

O dr. Araujo Primo designou, então, a commissão composta dos srs. Secretarios, para receber o Chefe do Estado e introduzi-lo no salão das sessões.

A entrada do sr. Presidente Nestor Gomes e suas casas civil e militar foi saudada por uma salva de palmas, executando a banda de musica da visinha cidade da Serra, o hymno Espirito-Santense.

S. Exa. occupou a cadeira da presidencia, abrindo o dr. Araujo Primo a sessão, com um discurso que foi uma verdadeira oração á Patria.

Após, foi ouvido o Hymno da Independencia.

Seguiu-se com a palavra o orador official, dr. Alarico de Freitas, que pronunciou bellissima oração allusiva á Independencia. O distincto orador historiou os factos que antecederam ao Grito do Ypiranga, exalçando o patriotismo das figuras brilhantes da nossa Historia.

Facultada a palavra ao socio que della quizesse usar, foi á tribuna o dr. Aristoteles da Silva Santos, que procedeu á leitura de uma verdadeira peça historico-literaria. O orador concatenou os factos historicos de forma brilhante, chegando á conclusão de que o brado — Independencia ou Morte — impunha-se a D. Pedro, naquella occasião, em virtude do estado convulsionado em que se encontrava o paiz. Termina o illustre primeiro Secretario do Instituto a sua civica oração, juntando aos nomes gloriosos da Independencia, o de Gonçalves Lêdo, o audacioso revoltado que tanto contribuiu para o Grito do Ypiranga.

Ninguém mais querendo usar da palavra o illustre primeiro vice-Presidente em exercício, dr. Araujo Primo, encerrou a sessão, tendo palavras de agradecimentos para com o sr. Presidente do Estado, funcionarios federaes, estadoaes e pessoas gradas ali presentes.

O sr. Presidente do Estado retirou-se ao som do Hymno Espirito Santense, sendo acompanhado pelo Instituto encorporado.

E foi desta forma que o Instituto homenageou a passagem do primeiro Centenario da Independencia, concorrendo o povo para que essas demonstrações civicas tivessem alcançado um cunho brilhantissimo e do mais vivo enthusiasmo.

Ainda em cumprimento ao programma adoptado, o Instituto publicou um numero especial de sua Revista que fez distribuir durante as solennidades civicas.

ADOLFO FRAGA,

1º SECRETARIO.

Discurso pronunciado pelo Dr. Affonso Corrêa Lyrô, no acto de ser recebido pelo Instituto, como seu socio effectivo, em sessão de vinte e tres de junho de mil novecentos e vinte e tres.

Senhores membros do Instituto

A falar verdade, porque não sei dizer e traduzir senão aquillo que realmente sinto, preferia me deixasseis insulado na mansuetude e e no remanso da minha modestissima vivenda, onde, a exemplo do que praticara o egregio burilador do «Eurico» e da «Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal», sem que com elle, absolutamente, me possa confundir, vou dispondo, empregando os lazeres que ainda me ficam da minha intensa actividade jornalera no amanho e cultivo da pequena gleba, que providencialmente me foi outorgada (uma vez que não sou homem de recursos pecuniarios) e que constitue, para mim, um grande, um immenso e inesgotavel thesouro, pela só razão, razão deveras ponderosa, de me soerguer as energias combalidas no incessante mourejar quotidiano, invitando-me, do mesmo passo, a olvidar os tristes, deploraveis agruras, os continuos desalentos da contingente vida objectiva.

Preferia, francamente, assim me deixasseis, estreito como é, por sem duvida, o circulo das minhas pobres aspirações no mundo material sem embargo de não haver ainda attingido o limite da vital escaleira humana em que, uma a uma, se desfazem todas as ridentes illusões da existencia e fenecem por igual todas as promissoras esperanças que muito nos animam e confortam.

Que fiz eu, afinal, para ser convocado e chamado ao convivio do Instituto Historico e Geographico do meu querido, adorado Espirito

Santo ? quaes as credenciaes, quaes os legitimos titulos que me abrem, de par em par, o seu magestoso portico, que a mim me habilitam o sentar-me e apropriar-me de uma das suas honrosas poltronas ?

Cabouqueiro não o sou, nunca o fui jamais de custosas, ricas gemmas literarias ou scientificas ; trabalhos que me apontem ao oího critico e conceituoso da posteridade não nos tenho, em realidade, liberalizado ; não ha em mim, neste desgraçiosissimo feixe de musculos a desafiar a voracidade extrema dos vermes, não ha em mim, repito, outra causa que me possa recommendar ao respeito e á consideração dos meus dignos terrantezes a não ser uma vida toda ella feita, cimentada e argamassada de labor honesto, uma vida verdadeiramente de luta, como é em geral a vida de quantos aspiram a cumprir a sua destinação na terra.

Ora se é este apenas o meu passado, se outra não é a bagagem que tenho de exhibir e com que me hei de apresentar aos meus patricios, por que me fostes vós afflar a pobresinha da minha vaidade, por que vos deliberastes arrancar-me á evidente obscuridade donde não devêra nunca ter sahido ?

Mas, enfim, determinastes, eu aqui estou ; a honra insigne que vós outros me conferistes não me dava, absolutamente, o direito de a recusar e eu não vacillei um instante sequer em accorrer ao vosso nobre conclamar, muito embora perfeitamente convencido, em demasia capacitado da exiguidade nimia dos meus recursos mentaes, como tambem dos prestimos que houvesse de prodigalizar. E por que recusal-a se a mim me estimulava a certeza segura de vir acolher-me á esplendida sombra, se me animava a segurança intima de chegar a entestar e tratar mais de perto, em admiravel, portentosa communhão, velhas affeições, que aqui se encontram reunidas e congregadas neste verdadeiro cenaculo de imperterritos collaboradores do progresso espirito-santense ?

Nas circumstancias especiaes em que então me vejo, trabalhado fortemente pela doce pressão do vosso irrevogavel decreto, só me resta fazer o que, em situação identica, acertou de chamar em seu soccorro o emerito tribuno occidental Emilio Castellar, quando do magistral discurso de recepção que proferiu na Academia Hespanhola, isto é, «expressar-vos o meu sincero, profundissimo reconhecimento e dizer-vos franca, positivamente como fortalece á minha palavra a persuasão de ter arrancado esta distincção antes a vosso carinhoso affecto que a vosso frio raciocinio.

Sim, porque, ainda uma vez vol-o digo, eu nada fiz, nada apprehendi de proficuo, de util em prol da collectividade para vos merecer tão inequivoco testemunho da vossa incontrastavel deferencia.

Em todo caso, eu já agora me não pertenco e podeis assegurar de publico que não lançastes a vossa bella semente em terreno safaro, infecundo. Procurarei trabalhar, até mesmo porque, hoje em dia, como eloquentemente sustenta vigoroso espirito latino, cada um é filho de suas proprias obras, a honra e a virtude nos igualam a todos, e o trabalho, lei divina, a todos nos nobilita. Passado é já o tempo em que o trabalhador era desprezado, vilipendiado e escarnecido, menos estimado que a materia inerte. Nos annos que correm «desfia elle cuidadosamente as plantas, tece-as, tinge-as com as cores de iris, e

veste a inclemente nudez humana; desinfecta lagoas, abre bosques, lança sobre os abysmos as pontes, e no ar vago estende a corrente magica que dá á palavra a celeridade de relampago; põe o cinzel na pedra, a côr na palheta, a corda vibrante no arco, a idéa na imprensa, e levanta o mundo das artes e das sciencias que é o espaço de nosso espirito; lança sobre os mares o tosco lenho, desfralda aos ares a leve lona e desafia as tempestades, e crusa de região em região, de gente em gente, levando a todos nós productos de apartadas zonas a communhão do espirito humano; destilla o suor de sua fronte sobre os campos e coroa-os de flores e de fructos, e arranca-lhes os mananciaes da vida, pois o trabalho, que ha de lutar com as leis da gravidade, com as differenças das estações, com os rigores dos climas, com a brevidade do tempo, com a fraqueza de nossas forças, por estes mesmos obstaculos, sem duvida alguma, é o cinzel com que o trabalhador, este divino artista, aperfeiçoa a terra, e a offerece nos altares do espaço, zformoseada, mais digna da providencia de seu Creador, que nos primeiros dias de sua creação, pois scintilla de todo o seu ser o que ha de mais divino na creação, o grande, o gigantesco, o immenso espirito do homem.»

Este bello hymno, esta harmonia celica extraordinaria, que a sobredoura homerica organização de estheta, não o pequenino, o minusculo, o carente vibrião que aqui tendes em frente; este bello hymno não me comprometto eu, que não posso, não poderei nunca executá-lo — de resto, para a propria harmonia do mundo, é bem preciso que nem todas as organizações sejam privilegiadas, de esthetas; todavia, vol-o assevero eu, já que assim considero de mister, quanto em mim esteja farei por que não haja de desmerecer do nobilissimo, honroso conceito em que mostrastes ter-me, convocando-me ao vosso alegre e laborioso convívio.

Beijo-vos as mãos, agradecido, conspicuos membros do Instituto.

NOTICIA

De accordo com a letra expressa dos Estatutos, o dr. Alarico de Freitas, orador official, subindo á tribuna proferiu brilhante saudação ao novel membro do Instituto, fazendo realçar todos os incontestaveis merecimentos do illustre socio recepcionado.

Terminou a sua eloquente oração congratulando-se com o Instituto pela valiosa aquisição que vinha de fazer, contando em seu seio com mais um elemento de valor e uma poderosa vontade de abnegado constante á causa do engrandecimento do Estado e um estudioso dos nossos factos historicos.

Sob uma salva de palmas foi então prestado o compromisso pelo dr. Affonso Corrêa Lyrio.

CIDADE DE S. MATHEUS



Vista parcial da cidade baixa de S. Matheus, mostrando
o porto onde desembarcou o padre José de Anehieta,
em 21 de Setembro de 1726



SÃO MATHEUS

Minha terra !

Vai para mais de trinta annos que não vos vejo e não sinto o vosso magestoso silencio, tendo apenas a saudade constante adejado por esses logares ; mas, sempre ha alguma cousa nas evoluções do passado e o enfluxo das idéas que se desprendem, de que me sinto agora possuido, retempera o enthusiasmo para escrever as paginas meditadas sobre vosso futuro.

Tolerai, com a vossa generosidade, se não conseguir desvendar os reverberos que deslumbram á ignotos, a eminencia sobranceira do vosso passado de honra e, no presente, a plenitude do sopro criador, sobre o vasto azul, na limpidez do espaço profundo e nos fulgores da luz viva da nossa terra, sempre com a mesma excellencia, a mesma primazia. A carreira dilatada de tantos annos, sobrepondo á seducção de todos os interesses, concedeu-me uma voz superior aos gritos apaixonados, ainda quando resulte accusações de quem não sabe esconder reservas, usando a linguagem das almas ardentes e patrioticas. A hora é de rebate e se acaso o vosso pensamento estiver ainda adormecido, sem presentir que derredor vem deslumbrante progresso, formai com elle, no momento agitado dessa fecunda resurreição.

Os problemas mais importantes, pouco a pouco, estão sendo postos em evidencia ; um delles sobre-tudo, que parece sem importancia, requer a mais diligente sollicitude : é o problema da febre.

Mas, tratemos de preferencia da terra, pois que ella fecundada a febre fugirá.

Ao observador despreoccupado seguindo o olhar pelo mappa geral do Estado, irrompem impressões discordantes nascidas da diversidade das superficies dos extremos do territorio, a qual, de modo diverso, retarda as energias e capacidade dos que procuram vencer a natureza.

Estabelece-se a luta no transpor o escuro das grotas formadas pelas interminaveis vertentes, ou no passo dos ribeiros em torrentes, nas serras, além da força suprema que deve gastar, em banhos de suor, aquelles que podem dominar as selvas.

Se essa luta intensa, no sul, caminha sorridente, em successo pela propria vontade, tendo que affrontar os serros e cordilheiras do systema chorographico desordenado, não só torna-se inconveniente á lavoura, no transporte de seus productos, como para o traçado de caminhos e estradas de ferro, que precisam cortar contrafortes e gargantas na mudança dos valles ; o norte, sem esses tropeços, emtretanto, tem obdecido a um poder supremo, deprimente e irremediavel até hoje — o isolamento.

No fastigio morto, faltando a pedra viva que anima as paisagens, pouco ha que ver no deserto verde e carinhoso, desde a casa opulenta ao rancho de Aricanga, do sertão.

Entre os dois factores, o accidente abundante e alegre do terreno e o isolamento, tudo demonstra que é preferivel o primeiro, prosperando e crescendo nos cimos do poder magico, que a propria perspectiva local imprime a força victoriosa.

Continuos e elevados desejos de possivel aproveitamento dos mananciaes foi sempre o objectivo, sem que pudessem remover o deserto; mais tarde, sem esperanças, acabaram na tristeza desanimadora.

A reacção, entretanto, fez-se sentir acompanhada das manifestações de um antagonismo de interesses da classe rural, que se suppunha enganada pelo governo, tendo em vista objectivo diverso, pela falta de franca manifestação da Villa ao acto de proclamação da independencia politica do paiz.

Os elementos conservadores, irreductiveis, esquecendo interesses da Provincia, fugiam até á relações com a capital, soffrendo, portanto, as consequencias da pressão dos governos.

Os descontentes do seculo 18 teriam razão?

A moderna geração não pensará do mesmo modo?

As queixas, porem, que de muitos tenho ouvido, são inteiramente injustas, quanto ao abandono da localidade pelas administrações.

E porque assim?

Porque a delonga é uma consequencia de sua condição physica, que abateu energias em estado latente, deixando-as quase mortas e esquecidas as inexploradas riquezas, não obstante o conhecimento que dellas possuem as populações.

Procuremos ver a verdade, no sentido de apagar a suspeita, se ainda perdura entre muitos, certos como estiveram ou estão ainda da falta de auxilio por parte dos poderes publicos.

Desdobra-se para o norte e para o sul a planitude nivelada de horizonte a horizonte e a impressionante largueza torna o homem descrente, como se estivesse á beira do mar, cogitando no trabalho inutil de vencer tão incommensuraveis distancias.

Tem aberto, apenas, na sua frente um caminho no magestoso rio, o mais importante do Estado, de navegação franca á navios adequados, afim de conseguir ligação com os centros de consumo; porem, esse mesmo rio, infiltrando-se como humos fertilisador nas terras, cuja apparente variedade, que se vai mostrando entre eminentes curvaturas sem barrancos, nada fará sem auxilio do dynamismo cosmico, na regulada transmutação dos marés.

Eis ahi o paradoxo definido — a ordem concorrendo para retardar o progresso.

Elle, o poderoso, sem dispor do seu poder, não é livre, não tem vontade, desde a Cidade até a Barra, inconciente do seu valor, das suas energias occultas, por vezes abandonando interesses superiores do commercio e classes laboriosas.

Se entrarmos a examinar os positivos detalhes em relação as distancias em que se acha o territorio dos principaes mercados, que podem offerecer vantagens seus productos, quer por via terrestre, quer maritima, deparemos com o maior inimigo do progresso.

A Cidade dista da Victoria, em linha recta, 31 legoas; no norte só encontrará mercado nas pequenas cidades do sul da Bahia, mesmo

assim, limitados e sem nenhum desenvolvimento ; por mar, dependendo do acesso da barra, dista 18 horas á vapor da Capital, incluindo o transito fluvial. Resumidamente, embora, ali está o isolamento influindo no progresso da vasta e rica zona, pois a carestia do frete com a sobre-carga das resumidas viagens, por falta de agua na barra, monopolisa sem elevar as forças de vontade do homem, que será incapaz de afrontar victoriosamente a luta desigual pela vida.

Ninguém pode duvidar do solo Matheense de inexhauriveis riquezas, embora cada qual, se falar com franqueza, ha de se queixar da sorte, desejoso de ver outros pontos ; no entanto, Manoel Moraes Couto, em 8 de Agosto de 1829, prestando informações ao governo, escrevia : «Na Villa de S. Matheus, além de vastos e incultos sertões, tem tres situações optimas para os colonos aonde se podem situar 500 cazaes. Um terreno é denominado Itaúnas beira-mar com barra para lanchas pequenas bem como de pescas ; esta situação fica ao norte do Rio de S. Matheus. A outra é a Tapadinha, que hoje se acha despovoada. O 3º sitio é denominado Biririca aonde já tem um destacamento. E' necessario destacamento e linguas para defeza e civilisação dos indios Boticudos, que não sai delas. As terras para mandioca são as melhores da Provincia, e fazem essas povoações muito interesse.

A Villa de S. Matheus pode receber e acomodar maior numero de colonos, os quaes podem entrar no uso do serviço tendo pessoa que os encaminhe, pois do pão da primeira necessidade ha fartura na dita villa. Sobre topografia só a Camara o pode dizer e formalizar, pelo que é do seu termo» ...

A sincera expressão — pois do pão da primeira necessidade ha fartura na dita villa — conforme relata o informante, caracteriza a abastança, cobrindo verdadeiros thesouros inexplorados nas suas terras, nas suas mattas e cachoeiras, riquezas que permanecem alheias no revoltear da vida dos dias que passam.

Nenhum immigrante encaminhou o governo para colonisar o deserto, farta a villa de pão da primeira necessidade.

Por fim, os homens laboriosos, comprehendendo a situação fechada pelo circulo do deserto, em pleno dominio de si mesmos, de modo a tornarem-se cada vez mais uteis, não esperaram pelas providencias officiaes, encontrando na praça do Rio de Janeiro o valioso curso de varios veleiros e uma navegação a vapor quasi que constituida por capitaes de familias matheenses, conseguindo assim normalisar o mercado local

Córriam os annos

A frequencia periodica da navegação das companhias e dos particulares, fez reduzir os fretes por meio de uma escala de preferencia, na conducção das mercadorias.

No baluarte invencivel dos nossos homens de trabalho ha um que avulta no honrosissimo posto, tambem operario da mesma cruzada, o Coronel Matheus Antonio dos Santos.

Não será demais relembrar agora, como elemento apreciavel, que a justiça dos homens terá de apurar, o productivo trabalho por

elle inspirado, promovendo e acompanhando o reconhecimento e depois a construcção da estrada em logares asperos, em busca de novos mercados para o Municipio.

Foi tambem um bandeirante como Ignacio Pereira Duarte Carneiro.

Aos visionarios dos sertões incultos não faltam dedalos austeros e sacrificios, nem assim Matheus Antonio dos Santos deixou de marchar na linha de frente, alcançando igual successo.

De uma arrancada pelas mattas, em 1856, de S. Matheus foi a S. Clara e Philadelphia, abrindo picadas de ligação, pelas quaes ainda transitam rebanhos e tropas cargueiras, sem regatear auxilio ao Engenheiro Charles Bernaud na realização do plano.

Hoje, quem transita descuidado em busca das fronteiras de Minas, atravessando ainda mattas incultas, transpondo perigos, mal pode comprehender as que elle affrontou ha sessenta e sete annos atraz, para levar avante com temeroza audacia, os melhores recursos de relações commerciaes dos dois Estados.

Mas, para uma positiva apreciação dos factos, devo por em conta a desconhecida riqueza que appareceu apoz a abertura da estrada, que cortando o rio ITAUNINHAS e afluentes do MUCURY, tornou-se o maior e mais inopinado emporio do commercio de jacarandá, exportado para a praça do Rio.

Os homens estão ligados de um modo indissolúvel ao seu meio tellurico, e, portanto, supportam todas as condições boas ou más, sem que, por isso, haja motivo de admiração; porem tratando-se da riqueza local, discriminando-a, ainda tenho o dever de personalisar os promotores mais graduados e temerarios.

Com admiravel energia o homem daquela epoca, mantendo o espirito de solidariedade, não esperava as promessas e auxilios governamentais, para escapar-se do broqueio malsinado do isolamento.

Outro, aspero e arrebatado, foi o Barão de Aymorés, Antonio Rodrigues da Cunha, o primeiro cultivador e propagador da lavoura de café. Estabelecido em S. Domingos, de um salto passou-se para a Cachoeira do Cravo; não satisfeito ainda, com aquella consciencia impavida e forte, em companhia do seu fiel Lucindo e uma turma de Botocudos, lá partiu pelas mattas á dentro e só regressou trazendo a esperanza de fundar novos campos de cultura, nas novas terras dos Aymorés.

Seis annos mais, era o logar invadido por outros fazendeiros, depois do regresso de Constante Sodré de S. Paulo, elevando a vantagem da plantação de café na região que havia percorrido, egual e não superior á Serra.

Em 1888, já a fazenda estava transformada num centro de primeira ordem, de exportação extraordinaria.

As primeiras installações da colonia de italianos, cheia de troços nos transportes e na alimentação, encontraram nelle a cabeça dirigente, o apoio á pequena lavoura, quer dando serviços aos recenhegados, quer fornecendo-lhes generos, afim de transformar o deserto no nucleo prospero e rico, contando actualmente mais de duas mil almas.

O ardor dessa fé simples e immensa, que apenas foi um episodio na modesta carreira que adoptara, teve consequencias maravilhosas de riqueza e de vida, que os ultimos verdores da sua existencia não

chegaram contemplar; sua obra, porem, vai-se estendendo nas formas materiaes ligadas á distribuição, abastecimento e consumo das mercadorias, para que medrem as reformas, os caminhos de ferro, com o peso dos productos do trabalho e a força irresistivel das cousas.

A medida de capacidade de trabalho do Barão de Aymorés, como alias a dos melhores contemporaneos, teve seguidores e entre elles posso lembrar Francisco Motta, representante tambem de um povo viril.

Não bastam os poderosos impulsos officiaes, não bastam as reformas, a constancia; as instituições florescem pelo estudo e auxilio de profissionaes competentes, adoptando-se na ordem de seus negocios a propaganda e a combinação de idéas. Foi o que comprehendeu Francisco Motta, comparecendo ás sessões do primeiro Congresso Agricola convocado pelo conselheiro Cansanção de Siñinbú, presidente do Conselho de Ministros, como representante do Municipio de São Matheus, desconhecido no meio selecto, dos de maior fama das grandes Provincias.

Os informes que obtive destacam a figura de Francisco Motta, que, embora não apresentando vastos argumentos, expos claramente as causas mais importantes das difficuldades que atrophiavam a lavoura por falta de transporte, bem como prendeu a attenção da assembléa sobre o plantio da mandioca e preparo da farinha, medidas que se impunham se houvesse escassez de trigo nos mercados da Europa, que nos abastecia ou se o preço augmentasse demasiadamente.

No tempo em que esses trabalhos proseguiam, sem o concurso de elementos informativos e estatísticos, a situação chegou a tornar-se insupportavel á lavoura, cujo preço da farinha provocou justos receios de abandono á cultura da mandioca.

Não poucos assim fizeram, contrabalançando a baixa pela extracção da madeira, principalmente jacarandá, que restabeleceu mais ou menos o equilibrio na economia do Municipio.

A madeira, em geral, no Estado, sujeita as altas e baixas, animo e aperto dos que vivem á seu serviço, faltando-lhes os ensinamentos de A. Jalyet, no seu tratado de «Transporte de Madeiras nas Florestas», mesmo assim, constitue uma riqueza perenne; em São Matheus, porem, o CABEUNA, valeu mais que isso, pois não lhe faltou proporções para ser considerado o lastro de riqueza, guardado nas vastas florestas, onde o Municipio achou recursos para sua receita, desde epochas remotas.

O mais importantê de todos coube á mandioca, em virtude da espantosa fertilidade das terras, sendo que, em 1856, exportou para o Rio de Janeiro, vinte cinco mil saccos de farinha, alem dos que mandou para a Victoria.

Por ora a deficiencia de transporte não tem podido animar os preços de varias industrias; mas, verificada a construcção da E. de F. Aymorés, torna-se para logo evidente a possibilidade de nova fonte de renda, as fibras, até agora esquecidas, abundantes, no emtanto, e variadas por toda parte.

Cabe mais á municipalidade, que está em contacto intimo com a população, do que ao governo, que está, sobre-tudo preso a outra ordem de assumptos, promover e propagar a industria. O tucum, a pi-

teira, a tabúia, o gravatá, a aninga, abundantes na vegetação espontânea do Municipio, é colossal e admira que não encontre quem os exporte.

A piteira, principalmente, muito procurada no fabrico da cordoalha, S. Matheus deve tomar para ponto de partida na sua industria textil.

O Estado do Rio, que não possui melhores garantias que o nosso, em Vassouras, mantem duas culturas de pita, com muitos milhares de pés em exploração.

Outro ramo de riqueza quase esquecido e em S. Matheus continua elementar, é a criação de gado.

Dois annos apóz a crise que a grande guerra provocou e alterou a vida de todas as nações, mesmo nos centros mais afastados, no momento agudo da minha acção na presidencia da Junta de Alimentação Publica do Estado do Rio, não esquecia minha terra, porque demonstrei num *dossier* á alguns amigos o modo pelo qual o Municipio podia melhorar, sinão ampliar a criação, obtendo lucros compensadores, em virtude da expansão do consumo, que desequilibrou até hoje os preços do producto.

Os novos filhos de Israel não quizeram ouvir minha voz, na certeza talvez do insuccesso e preferiram esperar da manhã promissora o copioso orvalho de maná, em derrame pelos campos; os israelitas, se assim procederam, sob a proteção escandalosa do Senhor, atravessaram aridos desertos.

Os filhos de S. Matheus, porem, não carecem de outra Chanaan de fartura melhor do que a sua, cheia de ramados floridos, mansos regatos e nédios campos, desde as bordas dos rios aos dilatados desertos nas terras indivisas.

Mas, se elles, ao menos, mandassem percorrer os campos de criação daqui, conforme facilitei, teriam avaliado a superioridade dos nossos.

Com intuito de chamar a attenção dos intelligentes filhos da terra para esse meu trabalho, de palpitante momento, talvez o unico capaz de resolver de forma rapida uma riqueza adormecida, lembrei a organização da cooperativa de criação, nos pastos communs, como são em geral os que servem a actual industria.

O que é doloroso é insistirem em erro, em manter-se o que lá vegeta, abandonadas as margens norte do rio, de excellentes pastagens naturaes e sapezaes, munidos de abundantes cursos d'aguas dos rios S. Domingos, Sant'Anna, Sapato, etc.

De posse deste thesouro, cujo valor não é bem apprehendido agora, delle têm virtual monopolio.

Eu, no entanto, tenho elementos para assim discriminar as areas, embora aproximadamente:

Do Jacarandá a Sant'Anna	28 kilometros q.
De S. Domingos, comprehendendo a varzea do Pires	42 kilometros q.
Varzea baixa, á margem do R. S. Matheus, até a Fazenda do Palmito	18 kilometros q.
	88 kilometros q.

Nessa area temos 1818 alqueires de dez mil braças quadradas; na avaliação acima não figura o lado sul do rio, que aliás é extensa, porque os proprios animaes procurarão aproveitá-la, atravessando o rio em varios pontos, para S. Antonio, Antonio Gomes, Matafome e outros.

As areas acima calculadas estão grandemente banhadas, o que nem sempre acontece ás pastagens dos Estados de Minas e Rio.

Considerando-se com folga, pelo systema primitivo, a criação de uma cabeça de gado por alqueire, teremos 1.800 para esses campos, ou mesmo 2.000, o que já é bastante para ser installada uma industria methodica e futura.

E a Barra Nova? Della percorri um grande trecho, que minha saudade recorda e o tempo não apaga a lembrança do carinho com que fui acolhido.

O que logo impressiona é a natureza diversa, o exuberar de fartura por entre moitas ramosas de capim, o rincão sem horizonte que dobra a força do homem, o gado farto e luzido. Campeei garboso as veredas dos rastejos dos animaes, maravilhado pelo que via das forças latentes, que hoje devo considera-las como um immenso manancial onde corre a riqueza.

Em quanto não for transformado o sapezal das margens do rio São Matheus em parte de Jaraguá, seria conveniente cuidar do melhoramento dos da Barra Nova; o que ninguém fez ainda foi estudá-la, esgotando as lagôas, alias de capital importancia para a vida e interesse do Municipio.

Não posso comprehender que uma população tão laboriosa, cercada de elementos assim, não tire todo proveito da industria facil e rendosa.

Todos os dias temos exemplos em relação a marcha das ideias uteis, parecendo extravagantes aos espiritos sensatos logo que ellas apparecem; depois esses mesmos espiritos, que antes desdenhavam, acabam por admittir o que antes despresavam. Os opposicionistas da primeira hora perdem a lembrança de toda a opposição que fizeram e declaram que sempre a julgaram boa.

Ninguém seria capaz de approvar o plano concebido e executado pelo commendador Reginaldo Gomes dos Santos, em 1866, abrindo uma barra artificial para esgotar os brejaes entre o rio Maricú e a praia, na esperança do terreno ser convertido em pastos, e brejaes que eram.

Todos hoje admiram a obra e por muitos é aproveitada; o curioso, porem, é que nessa occasião a maioria dos que hostilisaram, passaram a apregoarem-se seus maiores defensores.

Não é de estranhar que alguém classifique absurdo o conselho para completar a obra de Reginaldo Gomes dos Santos, a ligação a lagôa SURUACA com o Rio Barra Secca, lagôa que por sua vez communica-se com o canal da Barra Nova, afim de dessecar o resto do terreno ou uma grande parte delle.

Assim tambem será com a cooperativa; não faltará quem

redicularise e ache-a impraticavel, para mais tarde ser aceita e em más condições, isto é, quando não pesar nos mercados da Europa a nossa produção.

Alem dos annos já perdidos durante a guerra, de febre productiva e arroujos industriaes, vão perdendo outros que ainda restam sem tratarem do assumpto.

Dois alvitres têm os pequenos creadores deante de si, quando não queiram formar cooperativas : transformar o systema improficuo de crear sem melhorar e nem utilizando-se bastante dos derivados do leite, ou deixam de ser creadores para não consumirem o tempo nos lethargos em que vivem.

Os factos demonstram que o curso medio da produção foi excedido e a alta illimitada dos preços convida á lucrativas aventuras.

Deixo, porém, á margem essa inopportuna contingencia local, por tratar-se de alguma medida em começo de realisação.

O desenvolvimento moderno, lá mesmo, não conta maior estorvo, que esse que lhe contrapõe a rotina.

Ella sempre foi a glorificação do marasmo, a incarnação da inercia, o symbolo da opposição á luta na consciencia activa ; abate a conquista dos espiritos e só percebe a acanhada curva em que vegeta.

A mocidade, a quem toca a defeza dos arraiaes, que lhe faça frente.

Quanto a mim, terra querida, vou desvendar á estranhos, das nossas chapadas, as riquezas sobre o solo que parece esteril e onde imperou o fogo nas derribadas, faltando ser convenientemente aproveitado o que resta sem destino.

E, quando o sol virava para o sertão, derramando fachos de luz pela estrada que atravessa a MOSSUNUNGA florida, por onde trilhou minha mocidade calcinada de venturas, que deliciosas paragens eu vi, nos dias quentes de janeiro !

O esforço intelligente pode conjurar os elementos incidentaes e vencel-os.

O homem, se tentar varrer a monotonia das maldebruadas e largas faixas de mattas, perde-se na pardacenta paisagem, esgota-se desfallecido nos traços que desatam por todos os lados o sapesal.

Uma ou outra vez descortina um capão verde e cerrado a derramar beneficios sobre as cabeças do gado, que se esconde da soalheira, ou as enormes ossadas da floresta que morreu carbonizada.

As vergontas de sapé chocam-se nas bordas extensas do caminho, sibilando sob o peso do vento e tombam apertadas, umas contra as outras, numa corrida ligeira, como se quizessem seguir o destino da brisa.

Ninguém sabe agora se será eterna ou em começo o desabar de uma ruina immensa e melancolica, que, partindo das bordas do rio, espalha-se de S. Domingos ás vertentes do Sant'Anna, da encruzilhada do Claudiano ao Campo Redondo e voa naquellas searas perdidas, saltitando nas suas folhas asperas, não sei que esperança vaga, segredando á propria terra para esperar o romper do dia.

Ella já esperou demais.

Já cansou de produzir e crear duas gerações ; a miragem re-

coída apenas a opulencia dos aspectos que restam do que foi o solo exuberante, que o fogo lambeu nas longas culturas e fez o deserto; porem, o arado, revolvendo e arrazando as superficies em procura de seiva, demonstrará a força e a vida transformadora.

Porque o homem, a quem o destino deu-lhe um logar no centro de tanta grandeza, não a renova, nem a modifica?

Talados assim os tabuleiros, derramando apenas a vida vegetativa, restam rebentos das rubras palmas de São João, desdobrando-se, subindo e cobrindo tufos na mais intensa reação contra o aspecto dessa anomalia desolada e uniforme; e, em todas as estações, no topo das ladeiras, apparece o antagonismo das capoeiras exauridas dos soes, em todas as margens dos córregos e ribeiros, ou, então, os renques de Ynayás, por ali esparsos, dando um traço de paisagem indiana.

Ao romper tantas veredas, por mais descuidado que seja o viajante, encontra no immenso coqueiral lenitivo ás ruínas da terra.

Depois da passagem do trabalho veio a alliança indestructivel entre o sapé e ynayá, em que os aspectos naturaes se desenrolam numa sequencia impecavel, pois tanto vale ver os estirões de S. Domingos, como os quadros sem molduras das terras banhadas pelo Itaunas.

O que sobresiste na plenitude da minha memoria, sobretudo nos trechos do lado do norte de chapadas intermitentes, é de pisarmos em terrenos emergidos do mar, de todo um scenario amplo que vai esbarrar nas mattas virgens, como se tudo aquillo fosse transitório e em preparo para uma nova criação maravilhosa. E, para nós convenceremos, basta acompanharmos a lentidez da declividade, a imagem retrospectiva de uma terra já preparada para o arado e os seus rios mansos que parecem matar a natureza.

Final, depois do barbarismo nefasto e ceifador, o agente geologico fez brotar o coqueiro, que occupa toda a area, por entre troncos carbonisados, para amenisar e accumular larga provisão da industria futura, porque o coqueiro dos sapesaes não é outro senão o Babassú, conforme verifiquei no Pavilhão das Grandes Industrias, ou lhe é em tudo semelhante.

As variadas industrias fornecidas pelo coqueiro são tantas quantas os dias do anno, não só do proprio tronco, como do fructo.

São thesouros que valem mais que as jazidas de areias monazíticas e que ainda não foram explorados, sem que haja probabilidade de esgotamento.

Mas, se ao menos soubessem por intuição o valor desses palmares, que foram nascendo providencialmente com o sapisal, compensando os effeitos da esterilidade, e que, não ha, em S. Matheus, riqueza capaz de subrepujar as centenas de industria que elles podem criar, por certo que não abandonariam a fonte economica e poderosa, que rivalisa com as mais lucrativas do territorio.

E' uma visão, são imagens que elle vê em sonho, por effeito do amor a nossa terra; fantasia vã, dirão os entendidos afogados no recesso sepulcral, vendo aridez por toda parte e apagado nos ermos o vivo colorido dos aspectos.

No emtanto, quem percorrer a E. de F. Barão de Vassouras, numa grande extensão, verá a riqueza textil do Brasil, o latifolio em fila pelos morros ingremes e aridos, occupados pela cultura da piteira da firma Machier & Comp., na area de cento e trinta hectares de terra, contendo cento e sessenta mil pés de pita, quasi todos em plena producção.

A primeira plantação iniciada em 1903, somentê oito annos depois foi feito o corte e toda a pita produzida foi transformada em cordas, cuja venda, ao preço de 1\$300 reis por kilo, consome a praça do Rio de Janeiro.

A plantação está bem formada e de bello aspecto, em linha, pelos morros.

Todos esses dados colhi do proprio administrador da fazenda, por occasião da visita aos Municipios de Barra do Pirahy, Vassouras e Vallença, em serviço da Junta da Alimentação Publica do Estado do Rio.

Estabelecida a comparação entre as duas culturas, vemos, desde logo, a superioridade da nossa subrepujando a piteira, por ser espontanea, propagar-se, diffundindo-se por meio da immigração, sem o trabalho de limpa e replanta.

Pela estatistica da producção dos principaes generos agricolas, no anno de 1922—23, figura o coco Babassú produzindo 45 milhões de kilos ao preço de 600 réis, conforme a publicação official do Ministerio da Agricultura.

Não se diga, pois, como se tem dito, que, na esphera dos recursos naturaes, o Municipio foi esquecido e desprezado.

Ora, se uma serie efficiente de iniciativas permite esperarmos nova orientação, não é demasiado o aproveitamento de recursos e privilegios que se não excluem pela importancia material e historica, o excellente patrimonio territorial concedido á S. Matheus, pela carta regia de D. José I, em 3 de Março de 1755, de 6 legoas, inclusive «as 4 em quadro para administrarem os officiaes da Camara, e para o seu rendimento fazerem a despeza e obras do conselho, aforando aquellas partes das mesmas terras que lhes parecer conveniente contanto que observem o que a ordenança do Reino dispõe a respeito desses aforamentos».

A circumstancia ponderavel da discriminação ser garantida pelos diversos autos reguladores das fronteiras, nos quaes esteve presente o Dr. Desembargador e Ouvidor geral, dão toda a plenitude a posse territorial, que começa nas proximidades da Cidade e termina na margem do rio Jacarandá. Na mesma occasião, na presença das mesmas autoridades que installaram a villa, foram concedidas outras terras para plantação dos moradores, de onde terminava as do Conselho, abrangendo os morros Perdido, S. Antonio, Palmitos, Lagoinhas e Taquarussú, até a primeira Taipava, acima da primeira Cachoeira.

Nenhum outro Municipio excede em importancia a esse patrimonio, de vinte e dois milhões de metros quadrados, extenso e

riquíssimo, no paroxismo de uma evolução que se norteia para os destinos de sua grandeza, cortado como está pela linha ferrea ultimamente inaugurada.

Alem de que offerece á immigração os maiores attrativos para estabelecimentos que se venham fundar depois de facilitado o problema de viação.

Vantagens e segurança não faltarão a productores e commerciantes, porque os factos correspondem a confiança depositada na construcção da estrada para Aymorés e da que parte da estação Presidente Bueno, da E. de F. Bahia e Minas, corre para Itaunas, serviço iniciado no dia 20 de Outubro de 1923, empresas que são justamente as novas auras sedutoras da navegação segura do vapor «Iraty», da Companhia Commercio e Navegação e outros que irão procurar carga no porto.

São Matheus nunca atravessou um momento igual a essa tensão dos espiritos e trabalho util de desenvolvimento, registrado pela valorisação das propriedades, e elevação dos preços dos alugueres de suas casas, dentro das normas do progresso, ainda em começo.

Procurei ver isso de longe, sob o ponto de vista de se relacionarem os phenomenos puramente materiaes com o momento inicial e cheguei a conclusão de que, do solo trabalhado, barateado e facil o transporte, surgirão as riquezas, tornando o Municipio cada dia mais prospero e mais forte.

A' minha terra, a seus homens laboriosos, a sua lavoura e commercio, desvalorizados por falta de transporte, a fonte mais segura de existencia prospera, «A Revista do Instituto», por meu intermedio, altea louvores pelos dias resurgentes de grandeza.

Nictheroy, 8 de Dezembro de 1924.

ARAUJO AGUIRRE

SÓCIO-CORRESPONDENTE

Pagina de Saudade

Na vigencia de Setembro de 1922 á esta data, o Instituto viu-se privado do convívio de quatro de seus illustres socios fundadores, os Drs. Jonas Montenegro, Luiz Jouffroy, Professor Aristides Freire e Francisco Rufino.

Com elles, perderam as letras e a sociedade victoriense quatro individualidades de escól, nomes acatados por todos os motivos.

Os Drs. Jonas Montenegro, Luiz Jouffroy e Professor Aristides Freire, illustres pedagogos, sendo o primeiro lente cathedratico do Gymnasio do Espirito Santo, alem de primoroso poeta ; o segundo, acatado cathedratico da Escola Normal do Estado e clinico distincto ; o terceiro, fundador do Gymnasio Santos Pinto e venerando educador de varios notaveis espiritosantenses e o quarto, illustre jornalista.

O Sr. Francisco da Silva Rufino, publicista de valôr, veio de occupar, durante dois biennios seguidos, o cargo de Thesoureiro do Instituto, sempre se havendo com uma conducta de austeridade digna dos mais justos encomios. Reeleito, pela segunda vez, surprehendeu-lhe a morte quando iniciada a sua terceira e proficua gestão.

Em actas dos nossos trabalhos acham-se consignados os votos de pezar do Instituto pelo fallecimento desses illustrados consocios devendo, de accordo com o que preceitua o paragrapho 1º do art. 56 dos Estatutos, ser feito o elogio funebre na sessão solenne de 12 de Junho do proximo anno.

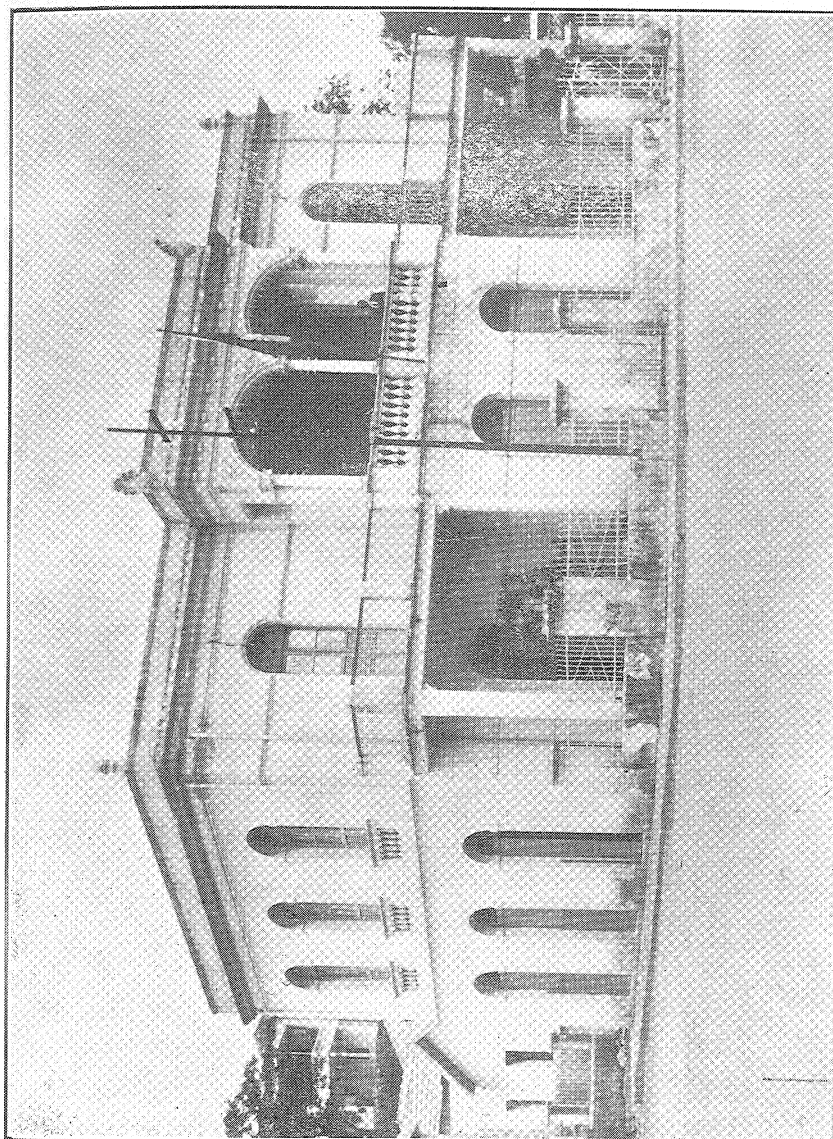
A «Revista» dedicando-lhes a presente pagina rende o mais justo preito de saudades aos mortos illustres.

Pela «Commissão de Revista»

ADOLFO FRAGA

20.1

PALACIO DO INSTITUTO HISTORICO



O edificio do Instituto Historico do Espirito Santo



2

O proprio do Instituto

A Revista estampa em uma das suas paginas o «cliché» do PALACIO DO INSTITUTO HISTORICO, onde já para tres annos vem esta aggremação funcctionando.

O espirito patriotico do Sr. Presidente do Estado, Dr. Florentino Avidos, bem calculando da necessidade inadiavel do Instituto ter um proprio em que pudesse abrigar todos os motivos da nossa historia, e zelar pelas reliquias que formam a tradição do Estado, rezolveu, por bem, doar a aggremação com o predio onde já funcctionava, o que fez pela Lei que aqui reproduzimos.

LEI N° 1.515

Autorisa o Poder Executivo a doar ao Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo o predio onde funcctiona esse Instituto.

O Presidente do Estado do Espirito Santo, cumprindo o que determina o art. 39 da Constiuição, manda que tenha execução a presente lei do Congresso Legislativo :

Art. 1° Fica o Poder Executivo autorizado a doar ao Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo o predio onde o mesmo Instituto funcctiona actualmente, para servir-lhe de séde, museu e bibliotheca.

Art. 2° A doação será feita com as clausulas de inalienabilidade e de reverter o predio doado ao patrimonio do Estado, no caso de dissolução do Instituto, ou si este deixar de attender aos fins exclusivamente scientificos a que se destina.

Art. 3° E' concedida ao Instituto, isenção de pagamento do imposto de transmissão de propriedade, enquanto preencher os destinos que lhe traçarem os actuaes estatutos.

Art. 4° Durante o exercicio financeiro de 1925-1926, o Estado subvencionará o Instituto Historico e Geographico com a quantia de 1:000\$000 (um conto de réis) por mez.

Art. 5° Abre-se o credito necessario e revogam-se as disposições em contrario.

Ordena, portanto, a todas as autoridades que a cumpram e façam cumprir como nella se contem.

O Secretario do Interior faça publical-a, imprimir e correr.

Palacio do Governo do Estado do Espirito Santo, em 30 de junho de 1925.

FLORENTINO AVIDOS
Alziro Vianna

Publique-se.

Em 30 de Junho de 1925

José Antonio Lopes Ribeiro

L. S. Sellada e publicada nesta Secretaria do Interior do Estado do Espirito Santo, em 1° de Julho de 1925. — *Clovis Nunes Pereira*, Qirector do Expediente.

A Imprensa no Espirito Santo

POR
AMANCIO FILHO
(Heracleito Amancio Pereira)

(Continuação)

1877

43 O CACHOEIRANO.— Cachoeiro de Itapemirim.— *Typ. d'O Cachoeirano*.— O primeiro numero deste periodico trouxe a data de 7 de janeiro de 1877. Apresentou-se como *organ do povo*, com as columnas francas a qualquer intelligencia, e tendo como divisa:— «Clamar e clamar incessantemente pelo bem e pela verdade». Era de propriedade e redacção de seu fundador Luiz de Loyola e Silva, fallecido em 1° de abril de 1914, com 78 annos de idade.

Completoou com o n° 52, aos 23 de fevereiro de 1879, o segundo anno e paralysoou a publicação. Reappareceu em 15 de junho, declarando que:— «A sua divisa é ainda a imparcialidade; é tanto do partido liberal como é do partido conservador; em poucas palavras, é emfim o organ competente para fazer publicas todas as idéas que não offendam a moral social».

Ao iniciar o quarto anno de sua publicação, em 1° de janeiro de 1881, disse:— «Para satisfazer a idéa que surge de todos os pontos do nosso municipio, e sobre a qual já falaram distinctos parlamentares:— *a abolição do elemento servil*—, abrimos em nossas columnas uma secção competente sob este titulo, visto que pensamos como o Sr. Paes Lemos — é cêdo — deve-se acabar com o braço escravo, mas elle forma propriedade e acabar de um golpe é admitir como consequencia a banca-rotas». Nesse anno, apresentou-se como organ imparcial, sendo propriedade de João de Loyola e Silva, que assumiu a chefia da redacção.

No n° 1 do anno de 1884 participou aos seus leitores que modificava a orthographia, tendo — «em vista principalmente eliminar as letras inuteis, mas de modo que as palavras jamais pareçam desconhecidas ao leitor que se julga sabedor de sua lingua, aligeirando assim a escriptura desse enorme peso etymologico». No n° 10, de 16 de março, principiou a escrever no cabeçalho — O CACHOEIRANO — e, no n° 12, de 23 do mesmo mez, a inserir a inscripção — «*Orthografia Sonica*». Do n° 15, de 20 de abril, em diante, abandonou esse systema graphico, voltando ao redil da cacographia usual.

De 8 de fevereiro de 1885 a 22 de março do mesmo anno es-

teve na chefia da redacção o pharmaceutico Bernardo Horta de Araujo, por se achar ausente o redactor-proprietario, João de Loyola e Silva.

Dando o ultimo numero do VIII anno em 27 de dezembro, só reencetou a publicação aos 17 de janeiro de 1886, sendo isso motivado pela reforma de seu material typographico. Aos 15 de dezembro desse ultimo anno, deu edição especial destinada a commemorar a 1ª *Exposição Regional da Comarca de Itapemirim*, realizada por iniciativa dos drs. Rodolpho Henrique Baptista e Antonio Gomes Aguirre. Esse numero, que contem 8 paginas, teve a tiragem de 1000 exemplares e é a seguinte a summa do texto: — artigo do dr. Horta de Araujo; nomes dos iniciadores e da commissão geral da exposição; 1ª *Exposição Regional do Cachoeiro de Itapemirim* (transcripto do *Cachoeirano* n.º 47); 1ª *Exposição Regional do Cachoeiro do Itapemirim* (transcripto do *Cachoeirano* n.º 48); Encerramento da Exposição; Catalogo dos productos naturaes e artificiaes que figuraram na Exposição Regional de 1886.

Aos 27 de dezembro do anno seguinte deixou de fazer parte de sua redacção o dr. José Feliciano Horta de Araujo.

Tornou-se organ republicano, a partir do n.º 31, de 29 de julho de 1888, sob a redacção do dr. Antonio Gomes Aguirre e pharmaceutico Bernardo Horta, que já faziam parte da redacção desde o principio do anno, continuando a ser João de Loyola e Silva o proprietario e gerente. O artigo desse dia expondo sua nova missão, é de Bernardo Horta, não estando porém assignado. Divisa: — *Qui non prohibet cum potest, jubet*. «Por conveniencia jornalística», declarou em 23 de setembro do mesmo anno, — «e um pouco por imitação ao jornalismo da grande republica norte-americana, resolvemos mudar todas as nossas secções. Os nossos titulos indicam os assumptos». Assim começaram as secções a ser denominadas; — *De malho em punho* (edictoriaes) — *A Nova Phase — Album do Povo — Por dentro e por fóra* (noticias) — *Em busca de Chanaan — Psiuh...* — *Nós e os nossos — Quem diz o que quer...* (inedictoriaes) — *Mundo Official* (editaes) — *Debrando sinos — A Fama voa* (annuncios) — *No Parnaso — Columnas do Povo*. Deu o n.º 43 em 21 de outubro e reapareceu aos 11 de novembro do mesmo anno, devido á montagem da machina Marinoni, que havia adquirido e outras reformas nas officinas. Aos 16 de dezembro, retirou-se da redacção o pharmaceutico Bernardo Horta de Araujo, devido uma carta publicada pelo organ conservador — O Constitucional —, e cujo primeiro signatario era seu proprio pai, o dr. José Feliciano Horta de Araujo, na qual se acha a declaração de haver *O Cachoeirano* calumniado o Tte. João Candido Borges de Athayde, ao falar dos festejos realizados por occasião do anniversario do Imperador, em 2 daquelle mez, durante os quaes aquelle cidadão se havia excedido em *morras* á Republica.

No anno seguinte, 1889, viu o triumpho da causa de que era paladino, publicando, aos 17 de novembro, um numero especial em homenagem a esse acontecimento. Paralysoou a publicação durante o mês de dezembro a fim de reformar seu material typographico.

No anno de 1890, suas secções tomaram as denominações: — *Pró-Patria* (editorial), *Revista Semanal*, *Avisos*, *Literatura e Recreio*, *Columna Livre*, *Editaes*, *Annuncios*. Aos 15 de junho, tornou-se organ do «CLUB REPUBLICANO 4 DE MAIO», passando a ser ostensivamente redacto-

riado pelo pharmaceutico Bernardo Horta de Araujo, dr. Lydio Marianno, dr. José Feliciano Horta de Araujo e Custodio Maia, sendo administrador — Leopoldino Lima, e gerente João de Loyola e Silva.

Seus redactores teriam como programma :— «O esforço continuo pelos melhoramentos, a franqueza na exposição de nossos principios, a defeza de todas as liberdades e garantias civis e politicas, a discussão liberrima dos successos e a lealdade aos que mantiverem os sublimes dogmas da escola democratica». Custodio Maia retirou-se do corpo de redacção em 14 de setembro, e, aos 18 de janeiro do anno seguinte, a administração ficou a cargo de Adolpho Corrêa de Toledo.

A contar de 22 de março de 1891, começou a ser exclusivamente redigido pelo pharmaceutico Bernardo Horta de Araujo e dr. José Feliciano Horta de Araujo. Suspendeu a publicação, de 10 de maio a 28 de junho, reaparecendo como organ imparcial e com o programma completamente mudado ; prestando, porém, apoio ao governo do barão de Monjardim, «sem deixar de profligar os actos dos funcionarios que se afastarem de seus deveres». Nessa occasião, Adolpho Corrêa de Toledo passou a ser administrador, gerente e co-proprietario. Em 6 de setembro, começou a apparecer como propriedade de uma associação, composta dos srs. Claro Martins Pitanga e dr. Alfredo Moreira Gomes. Aos 6 de dezembro, entrou para sua administração o sr. Antonio Ferreira Pedrosa.

O dr. Alfredo Moreira Gomes, em 10 de abril de 1892, deixou de ser co-proprietario e retirou-se da redacção. Nessa occasião «*O Cachoeirano*» apresentou-se como organ politico, commercial e agricola, passando a dirigir-o o pharmaceutico Bernardo Horta de Araujo, auxiliado pelos drs. Costa Cavalcanti e Dias de Freitas e professor Quintiliano Azevedo. De 17 de julho até o fim do anno, encarregou-se da redacção o sr. João Loyola e Silva.

Em janeiro de 1893, tornou-se propriedade de Fernandes & Irmãos, ficando o seu corpo redactorial composto dos drs. Belisario Fernandes da Silva Tavora, red.-chefe, e Elysiario Fernandes da Silva Tavora, secretario, que lhe deram nova orientação assim patenteada :— «*O Cachoeirano* continuará a ser o que tem sido até hoje : guarda vigilante dos direitos do povo, fortaleza inexpugnável contra os arrochos tyrannicos do forte contra o fraco, dôtrinador dos sãos principios que sustentam a sociedade, sem abalos nem convulsões de natureza alguma, soldado destemido ao lado de todos os grandes commettimentos que possam avantajarnos no progresso intellectual, moral e material. Ha, porém, um ponto de radical e profunda differença. *O Cachoeirano*, por systema emanado de ideas e principios acceitos e proclamados por seus illustres redactores, nutria um ideal politico, filiou-se a um partido do Estado, defendendo sempre com ardor e robusta argumentação os interesses do mesmo».

.....«Resolvemos tirar do nosso programma esta clausula importante, aliás».

.....«Mas o jornalismo, actualmente, no Brasil, não póde nem deve filiar-se a uma nova politica, mesmo porque não ha programma certo e conhecido para disciplinar um partido qualquer de pulso que se levante. Fazendo esta declaração não nos fôge, todavia, o direito que cabe-nos, como jornalistas imparciaes que somos, de emit-

tir com franquesa e liberdade a nossa humilde opinião sobre as questões mais interessantes que porventura se agitarem na administração publica».

Em 15 do mesmo mez assumiu a gerencia o sr. Oscar Silvino, que foi substituido, aos 21 de maio, pelo sr. Raymundo Pinto de Vasconcellos. Começou a publicar serviço telegraphico da Capital Federal a 1º de agosto.

Oppoz-se ao golpe de estado de 3 de novembro de 1891 e ao governo do Marechal Floriano, havendo adherido abertamente ao movimento revolucionario chefiado pelos almirantes Custodio e Saldanha. Deu o n° 42 aos 3 de dezembro de 1893 e suspendeu a publicação por haver sido vendida a typographia.

Reappareceu aos 6 de janeiro de 1894, sob a direcção de Bernardo Horta, red.-chefe, e Victor de Moraes, red.-gerente, sendo adquirida para isso a typographia da «*Opinião*». Nessa occasião, declarou que «encetando o seu decimo setimo anno de existencia — «*O Cachoeirano*» — compromette-se a manter a digna e altiva posição que soube conquistar na imprensa. Luctando sempre pelo progresso desta cidade e de toda a zona do sul do Estado, empenhando-se ora por um ideal politico felizmente realizado; ora pela libertação do paiz do dominio da espada dictatorial e traço-eira, o que em breve será um facto; discutindo com independencia importantes assumptos e verberando os abusos dos depositarios do poder — tem desde seu inicio o nosso jornal sabido grangear a attenção e a consideração de seus leitores. «Esse passado de glórias, numero a numero adquirido, será fielmente por nós mantido e ampliado ainda com a propaganda a favor da conciliação e da paz, condições essas que dominam presentemente todos os espiritos cultos e patrioticos do nosso paiz. Envidaremos todos os nossos esforços para demonstrar a improficuidade dos nossos sacrificios em prol da patria, enquanto permanecer a politica de represalias, vinganças, abusos, perseguições e baixesas, favoneadas por grande numero dos que defendem o governo actual».

Victor de Moraes, em 1º de setembro de 1901, passou a redactor-secretario, sendo substituido na gerencia por Manoel Pedro de Assis, que falleceu aos 27 de novembro do mesmo anno. Foi organ do Partido Constructor-Autonomista.

Aos 9 de abril de 1903, entrou João Motta para a sua redacção que ficou assim constituida — redactor-chefe, Bernardo Horta; red. secretario, João Motta, e gerente, Alexandre Ramos.

Em julho de 1904, João Motta deixou a redacção sendo substituido pelo capm. Victor de Moraes.

Em julho de 1905, a sua redacção foi assim constituida:— Bernardo Horta, director-politico, Victor de Moraes e João Motta, redactores, Arcesilau Soares, gerente.

No numero de 23 do mesmo mês, appareceu a sessão — *Notas Avulsas* — destinada á literatura amena, como ligeiro passatempo aos espiritos avessos ás cousas politicas.

Suspendeu a publicação por ter soffrido *empastelamento* na noite de 4 de julho de 1906, reencetando seu tirocinio jornalístico em março de 1907, debaixo da direcção de Bernardo Horta, red.-chefe, e capm. Victor de Moraes, red.-gerente.

No anno de 1908, a sua redacção era composta de — Bernardo Horta, director-politico, Victor de Moraes, redactor-secretario, e Arminio de Moraes, redactor-gerente.

Ao depois, propriedade do dr. José Gomes Pinheiro Junior e Raulino Francisco de Oliveira.

Em 1911, era propriedade de uma associação, sendo seu gerente o sr. Alexandre Ramos.

Tendo suspenso a publicação, logo após a campanha presidencial de 1912, voltou ás lides da imprensa pouco depois, aos 4 de agosto do mesmo anno, debaixo da gerencia de Alexandre Ramos, promettendo em seu artigo de apresentação defender os interesses do povo como organ independente e imparcial e não tomar parte em questões politicas.

Tornou-se, em julho de 1915, propriedade de João Belisario Vieira da Cunha, que assumiu a sua direcção aos 12 do mesmo mês. No numero desse dia, declara que :— «Sob sua direcção e propriedade o «*Cachoeirano*» passará a ser imparcial, mas de uma imparcialidade sã e honesta, activa e digna, sempre na altura de suas velhas tradições de paladino da honra e de defensor estrenuo dos opprimidos, servindo com o carinho e amor de sempre á causa da verdade e da justiça. A sua imparcialidade, pois, jamais será traduzida por uma indifferença criminosa ou por um calculado alheamento aos reclamos das necessidades publicas.

«Não arvorando bandeira de um partido politico qualquer, continuará, todavia, a trazer desfraldada a da independencia e da rasão na defesa das causas que lhe parecerem justas e dignas de seu apoio».

Suspendeu a publicação aos 15 de agosto, reaparecendo em 4 de setembro.

Em 1916, collocou-se em opposição á candidatura Bernardino Monteiro, á Presidencia do Estado, assumindo a chefia da redacção, aos 6 de maio, o sr. José Bento Vidar Junior, de accordo com a vontade do directorio opposicionista do municipio. Com o triumpho da chapa Bernardino—Athayde, o *Cachoeirano* paralisou a publicação, reencetando-a, pouco depois, em outubro do mesmo anno, sob a direcção de Alfredo de Souza Monteiro, sob a bandeira então do P. R. E. S.

A 1° de novembro de 1921, iniciou sua nova phase, debaixo da direcção do dr. Francisco Gonçalves, e gerencia de José Sobreira.

Ao principio publicava-se aos domingos, apparecendo depois duas vezes por semana, tornando a circular hebdomadariamente até 4 de setembro de 1915, quando começou a dar edições vespertinas ás quartas-feiras e sabbados. Na sua phase actual, sai semanalmente, ás quinta-feiras.

Possuia quatro paginas, sendo que, no periodo de 26 de agosto de 1894 a 11 de novembro do mesmo anno, foi impresso em duas paginas devido á falta de papel. Seis e, ás vezes, mais paginas, na phase actual.

As dimensões da composição, ao começar de se publicar, eram 270X415^m, a quatro columnas, e têm soffrido as seguintes modificações :— em 15 de junho de 1879, para 208X328^m, a tres columnas, por falta de operarios;— em 20 de fevereiro de 1881, para 255X400^m, a quatro columnas;— a 1° de janeiro de 1883, reduzida para 250X390^m;— em 1885, pequeno augmento para 255X390^m;— no anno de 1890, pas-

sou a 247X385^{m/m};— em 6 de setembro de 1891, modificada para 270X426^{m/m};— aos 6 de agosto de 1893, para 300X457^{m/m};— aos 6 de janeiro de 1894, para 455X297^{m/m}, a cinco columnas, sendo, ao depois, diminuidas suas dimensões para 265X390^{m/m}, a quatro columnas;— aos 4 de setembro de 1915, augmentadas para 295X475^{m/m}, a cinco columnas;— finalmente, em 1° de novembro de 1921, na nova phase, 225X315^{m/m}, com tres columnas.

A assignatura annual era, no seu inicio, de 10\$000 rs. Tem soffrido as seguintes alterações:— aos 15 de junho 1879, anno 8\$000 rs.:— a 1° de janeiro de 1881, anno 9\$000 rs., com porte, e 8\$000 rs. sem elle;— aos 29 de fevereiro do mesmo anno: rs. 11\$000, com porte, e 10\$000, sem elle:— em 1884, anno rs. 10\$000, e semestre 6\$000, sem porte, e anno 11\$000, e semestre 6\$500, com porte, avulso 200 rs.;— em 6 de setembro de 1891, anno 10\$000 rs. e semestre 5\$000;— aos 16 de julho de 1893, o semestre passa a 6\$000;— aos 8 de setembro do mesmo anno:— 15\$000 rs. o anno e 8\$000 rs. o semestre;— a 1° de janeiro de 1905, anno 10\$000 rs. e semestre 6\$000 rs.;— em abril de 1907, anno 8\$000 rs. e semestre 5\$000;— aos 4 de setembro de 1915, anno 10\$000 rs., e semestre 6\$000 rs. Na nova phase, as assignaturas obedecem ás ultimas condições.

Aos 17 de janeiro de 1892, supprime o artigo do cabeçalho:— «*Cachoeirano*», simplesmente. Em 8 de janeiro de 1893 volta a usal-o. Torna a eliminal-o em 1907. Usa-o na nova phase, iniciada em 1921.

Entre seus collaboradores, nas differentes phases de sua existencia, estão os srs. drs.:—Horta de Araujo, Maria Leonilda, Antonio Carlos da Fonseca, Bernardo Horta, Ildefonso Vianna, Eugenio Amorim, Godofredo da Silveira, M. C. de Vasconcellos, dr. Deolindo Maciel, Virgilio Vidigal, Oscar Leal, dr. Antonio Gomes Aguirre, dr. Affonso Claudio, que iniciou sua collaboração com uma serie de artigos intitulada— *Nova Phase*— em 5 de agosto de 1888, dr. Moreira Gomes, dr. Coelho Lisboa, dr. Silva Lima, dr. José Marcellino, dr. João Freitas, dr. Jeronymo de Souza Monteiro, dr. José Lino, Joaquim Ayres, Manoel Fernandes, Pe. Antonio Fernandes da Silva, Pe. Carloto Fernandes da Silva, dr. Julio Leite, Victor de Moraes, dr. José Batalha Ribeiro, Cel. Antonio da Silva Marins, João Motta, Mario Imperial, dr. Narciso Araujo, Benjamim Silva, dr. José Calasans de Mello Rocha, Antonio Vieira, Tertuliano de Loyola, Moacyr Moraes, Sizenando de Mattos Bourguignon, Pe. Carlos Regattieri, dr. Belisario Vieira da Cunha, Everaldo Silva, Sylvio Julio, dr. Atilio Vivacqua, etc.

44. — JORNAL DAS MOÇAS. — Capital — Pequeno periodico dedicado ao sexo feminino e redigido por um *pai de familia*. Apareceu em abril de 1877.

45. — O ECHO DOS ARTISTAS. — Capital — *Typ. d'O Echo dos Artistas*. — O primeiro numero desse periodico de publicação dominical, appareceu em 2 de dezembro de 1877. Apresentou-se da maneira seguinte:— «Sou o filho do trabalho, venho do seio da democracia, meu leito é a enxerga da classe que represento, escudo-me na idéa do progresso e tenho por desideratum — fazer respeitar as leis da civilidade, vigilar no cumprimento das do paiz, anniquilar o vicio e engrandecer as virtudes.

«Sem reserva, sem consideração entrarei na apreciação de qualquer acto publico ou particular que necessite de commentarios, baterei a aristocracia tão prejudicial aos povos, e procurarei fazer conhecer que a unica distancia entre os homens é que vai da virtude ao vicio. A pobreza do meu estylo será bem compensada pela franqueza que o hade acompanhar. No seculo presente a linguagem franca não é a que mais agrada, porém nenhuma outra me serviria a não querer rastejar no pó as minhas vestes de Artista. Agrade ou não— seja ou não censurado —continuarei a desprezar a luva de pellica —minha mão apparecerá sempre callosa—a minha palavra nunca deixará de ser natural. E' a isso que me comprometto e que o futuro confirmará. Eis o que o artista diz ao jornalismo, diz ao publico, com especialidade ao publico desta boa terra, a esse publico que já conta em seu seio alguns cancos, que, si bem gerados longe d'aqui, têm vindo presos a casacas officiaes, procurar e corromper os são costumes deste pequeno povo».

Era redigido por *diversos* e propriedade dos editores (Benedicto Ferreira de) Carvalho & Corrêa.

Suspendeu a publicação pelo motivo de se haver tornado violentissimo. Aqui transcrevemos alguns trechos do artigo principal do numero 3 (16 de novembro de 1877) e que se referem á celeuma levantada com a publicação do — *Album* —secção onde eram retratados em flagrante alguns individuos. Principia dizendo que delle nada devem temer os caracteres honestos, porque serão sempre respeitados e accrescenta que: — «Ao contrario acontecerá aos que caminham na estrada do vicio, não respeitando a sociedade, pois lhes faremos compreender publicamente quaes os seus verdadeiros deveres; e é por essa razão que accetamos em nossas paginas um — *Album* —forte pelourinho para aquelles que desconhecendo qual a missão do homem sobre a terra, vegetam por esse mundo—ora levando a deshonra ao seio das familias, ora pezando aos seus semelhantes, ora querendo persuadir o publico sensato que valem alguma cousa—de que devem merecer criterio. Bem conhecemos que o *Album* não está na altura de occupar as nossas paginas, e a collaboração si não visse nelle apenas a conveniencia de punir esses entes—vergonha da sociedade—certamente não admittiria a sua publicação.»

O numero 8 (ultimo) saiu em 20 de janeiro de 1878.

Assignava-se na razão de 500 rs. mensaes para a Capital, e 3\$000 rs. o trimestre para fóra. Avulso 120 rs. Tinha quatro paginas, occupando a composição, em cada uma, 208×330 m/m, dividida em tres columnas.

Entre seus collaboradores, contavam-se — Affonso Claudio, Cleto Nunes, Joaquim Lyrio, Pedro Lyrio, Alexandre Costa, Candido Brizindor, etc.

«Fez uma trajectoria rapida, mas de effeito (*)» pela independencia que sustentou.

1878

46 — GAZETA DA VICTORIA.— Capital.— *Typ. da Gazeta da Vi-*

(*) *Os Meus ou os de meu tempo.* — Amancio Pereira. — Pessanha Povoá, na Revista do Gremio Literario da Bahia. Anno II. 1903, Pag. 421.

ctoria.— Viu a luz da publicidade aos 24 de janeiro de 1878, em substituição á *Gazeta do Commercio*. Estava, ao principio, sob a redacção do seu proprietario bacharel José Joaquim Pessanha Pova, porém, de 1º de janeiro de 1879 em diante, começou a ser tambem de propriedade e redacção de Cleto Nunes Pereira.

Aos 4 de março de 1879, passou a ser — *orgam democratico* — e, em abril de 1881, tornou-se folha commercial, politica, literaria e noticiosa.

Suspendeu a publicação aos 8 de março de 1882, publicando o dr. Pova um artigo na «*Provincia do Espirito Santo*», dando como causa da interrupção um accordo estabelecido entre as duas empresas, da *Gazeta* e da *Provincia*.

Resurgiu a 1º de outubro de 1886, dizendo que — «Não reaparece sitiada de resentimentos, e nem de pesares porque nunca ultrajou a amizade, nem trahiou o seu — programma politico. Prestará ouvidos ao echo sonoro da Justiça, e fulminará os profanadores da lei. Offerece suas columnas á mocidade intelligente e á velhice illustrada.»

Durou até 1889, anno em que esteve sob a redacção de Pessanha Pova e Joaquim Corrêa Lyrio. Administrava-na Evaristo José Nunes, que, ao fallecer, teve como successor José Dionysio.

Circulava ás terças, quintas e sabbados. Quatro paginas, tendo a composição o *formato* de 310×445 m/m, a cinco columnas. Augmentado, aos 20 de abril de 1881, para 479×312 m/m, e, depois, reduzido a 234×355 m/m, com quatro columnas. Tiragem de 300 exemplares. As assignaturas obedeciam ás seguintes condições; — Capital: mez 1\$000 rs. fóra da Capital: trimestre 4\$000 rs. o numero avulso custava 200 rs.

Em 23 de abril de 1878, passaram a ser: — Capital: anno 2\$000 rs., semestre 6\$000 rs., trimestre 3\$000 rs., mez 1\$700 rs.; para o interior da provincia e exterior anno 14\$000 rs., semestre 7\$000 rs. e trimestre 4\$000 rs.

O corpo de collaboradores era composto dos srs. — dr. Gonçalo Marinho de Albuquerque Lins, dr. Affonso Claudio, pharmaceutico Ignacio Thomaz Pessôa, prof. Amancio Pereira, dr. Antonio Athayde, Henrique Cancio, Braulio Cordeiro Junior, dr. Horacio Costa, Benevides L. Barbosa, Olympio Hygino, Pedro Lyrio, Genezio Lopes, Gomes Netto, Manoel Augusto da Silveira, dr. Moniz Freire, pe. Antunes de Siqueira, Marins Junior, Mucio Teixeira, Emilio da Silva Coutinho, Candido Brizindor e outros.

47. — ACTUALIDADE. — Capital. — *Typ. da Actualidade.* — Appareceu na arena da imprensa aos 27 de janeiro de 1878, e della desapareceu com o fallecimento de seu redactor, occorrido em 30 de outubro de 1879. Folha politica, literaria, commercial e orgam do partido liberal. Estava sob a direcção do bacharel José Corrêa de Jesus, sendo seu editor Benedicto Ferreira de Carvalho.

Dizia em o artigo de apresentação: — «*A Actualidade*», orgam deste partido (Liberal), é o continuador das idéas que a seita liberal da Provincia do Espirito Santo tem pregado no «*Jornal da Victoria*», «*União*» e «*Opinião Liberal*». «Entrará na luta vertiginosa dos partidos; porém será a imprensa moralizada, será a tribuna da verdade, e não o pelourinho da calumnia, será a palavra independente, como sem-

pre tem sido, e não a especulação da imprensa abyssinia, que apedreja a sol quando cae, e procura sempre genuflexar-se diante de qualquer poder, contanto que lhe dê um lugar na mesa do orçamento».

Entre seus collaboradores contavam-se— d. Maria A. A. de Figueiredo, e o dr. Adrião Rangel, que no numero inicial deste periodico encetou a publicação de um trabalho de sua lavra intitulado — *O Livro e a Penna*, onde o moço escriptor, algumas vezes incorrecto na forma demonstra boa somma de erudição.

Quatro paginas, em cada uma das quaes a composição, dividida em quatro columnas, occupava 255×405 m/m. Essas dimensões foram, aos 7 de agosto, augmentadas para 270×440 m/m. Nessa data começou a denominar-se — «*A Actualidade*». As assignaturas obedeciam ás seguintes condições;— Capital: trimestre 3\$000 rs., e fóra della, semestre 7\$000 rs. Do nº 2 (2 de fevereiro de 1878), passaram a ser: Capital mez 1\$000 rs.; fóra 14\$000, o anno, e 7\$000 rs., o semestre; avulso 200 rs. De 4 de abril (1878—nº 14) em diante, assignava-se na razão de 12\$000 rs. o anno, 6\$000 rs. o semestre e 3\$000 rs. o trimestre, para a Capital; e 14\$000 rs. o anno, 7\$000 rs. o semestre e 4\$000 rs. o trimestre para o interior,

Devido o expediente do governo occupar a maior parte das columnas, o «*Espirito-Santense*» chamava-lhe — o *orgam do expediente*.

48. — IDÉA. — *Typ. do Espirito-Santense*. — O primeiro numero deste hebdomadario literario saiu a 1º de setembro de 1878, sendo de propriedade e redacção dos typographos do «*Espirito-Santense*» e durou até 1880. Affonso Claudio e outros eram os seus collaboradores.

49. — SETE DE SETEMBRO. — Capital. *Typ. da Gazeta da Victoria; Typ. da Actualidade*. — O primeiro numero deste pequeno periodico trouxe a data de 7 de setembro de 1878. Sua publicação foi suspensa em janeiro de 1879 e reapareceu aos 3 de agosto do mesmo anno.

Era literario e noticioso, teve pouca duração e estava sob a redacção de Amancio Pereira, Lydio Mululo e Pedro Lyrio, então estudantes do Atheneu Provincial. Pessanha Pova, que tinha o costume de animar os moços dados ás letras e ás artes, abrigando nas columnas de seus jornaes as producções dos principiantes, servindo-lhes ao mesmo tempo de mystagogo, e estimulou-os nessa tentativa jornalística e prometeu dar o papel—verde e amarello—para o numero inicial do *Sete de Setembro*. Marcou a hora em que devia ser procurado na redacção da *Gazeta* para esse fim. Amancio Pereira, commissionado pelos collegas, para lá se dirigiu, porém ao chegar passavam cinco minutos da hora designada. «O dr. Pessanha Pova, não está», declara o proprio dr. Pova, pois havia transcorrido a hora; que viesse no dia seguinte. No dia immediato, repete-se a scena. Aproximando-se o dia 7, sem que a commissão fosse desempenhada, Amancio Pereira mandou acertar seu relógio pelo da redacção e, com antecedencia, foi esperar á porta da *Gazeta* pela hora marcada. Ao bater a ultima badalada do relógio da redacção, apresentou-se de relógio em punho: as horas combinavam. Pessanha Pova, com o seu bom humor de sempre, prégou um sermão sobre a pontualidade, concluiu com o proverbio — «a rico não devas, a pobre não promettas» — e, esquecido da cita que fizera, promete uma bôa

noticia em referencia do apparecimento do novo periodico, ao entregar a ordem para o gerente fornecer o papel. E o *Sete de Setembro* appareceu vestido de verde e amarello.

A «*Gazeta da Victoria*», de 11 de abril de 1878, annuncia o proximo apparecimento de um periodico— «*O Bonito*» — critico e chistoso para mostrar a calva de certos moços thesoureiros de sociedades quebradas e de outros pedantes».

Publicar-se-ia ?

1879

50.— O OPERARIO.— Villa de Itapemirim. — Este periodico commercial, agricola e literario, cujo primeiro numero saiu em 20 de julho de 1879, promettia ser advogado dos interesses da localidade, sem deixar de fazer conhecidas de seus assignantes as questões politicas que se debatessem no paiz e declarava-se neutro na lucta dos partidos locaes. Era edictoriado por Candido Gonçalves Pereira Lopes.

Suspendeu a publicação aos 19 de dezembro de 1880.

«*O Operario*», diz o artigo desse dia, «apesar da má vontade de muitos e mesmo da pouca acquiescencia que encontrou da parte do publico, conseguiu conservar-se por mais tempo que aquelle que foi dado a todos os seus predecessores neste logar. Se as suas columnas não se orgulharam de conter artigos de grande importancia literaria ou scientifica, mercê de Deus não serviram para enxovalhar consciencias nem a honra das familias. Muito pouco fez, é verdade, mas esse pouco fez-o conscienciosamente e só guiado pela luz da razão e da Justiça».

... «Se por dizer a verdade angariou alguns inimigos longe de ser isto um desdouro é uma gloria que o *Operario* se ufana de ter conquistado, visto que só os necios lhe podiam querer mal».

O nosso catalogo não tem a pretensão de ser completo, é susceptivel de ser melhorado, para o que ser-nos-ão gratas quaesquer informações ou rectificações que nos queiram enviar todas as pessoas que se interessem pelo assumpto.

NOTA DA REDACÇÃO:— A concluir no proximo numero da *Revista*.

Museu, Archivo e Bibliotheca

De conformidade com o art. 37 dos Estatutos, cabendo-nos superintender o Museu, Archivo e a Bibliotheca do Instituto, vimos de dar conta, por este publico documento, do movimento dessas secções.

O Instituto continua a receber documentos de alto valor historico, alguns em original e outros em copia autenticada. Igualmente, não poucas tem sido as offertas de objectos antigos que vêm illustrando os nossos mostruarios.

Muito grato nos é constatar o interesse que essas secções vêm despertando não só entre os nossos illustrados consocios, como entre demais pessoas que dest'arte comprovam o grande carinho que têm pelos motivos historicos de nosso querido Estado, collocando sob a guarda do Instituto tudo que diz respeito ás gloriosas tradições da Patria.

Para o Museu recebemos:

Do illustre consocio Dr. Antonio Araujo Aguirre, cujo amor ao Estado e zelo ao Instituto são flagrantés, vimos de receber uma pedra marmore apanhada no templo de Mercurio, na cidade de Pompéa e um caramujo despregado das Termas do Forum, da mesma cidade.

Do saudoso e bravo tenente-coronel Abilio Martins, recebemos uma carabina inutilisada em combate, durante a revolução de S. Paulo e pertencente a uma praça de nossa Policia que pagou com a vida a sua bravura.

Do distincto cidadão Octaviano Gomes, uma acharpe de seda que data do primeiro imperio.

Do illustrado orador honorario e actual presidente do Instituto, Dr. Carlos Xavier, uma bala trazida do Forte de Cabedello.

Um estojo de granada e dois projectis de canhão revolver, offerta do bravo official tenente Euclides Onofre.

Um pente de metralhadora, offerta do bravo official tenente Jayme Silva.

Um bucal de lampião com a data de 1821, offerta do distincto presidente honorario Dr. Archimimo Mattos e mais uma cedula de dois mil réis, de 1833 e uma agua marinha azul.

Uma espada, fabricação franceza, de 1810, pelo illustre coronel Antonio Lino.

Uma collecção de arcos e flexas, dos indios do Pancas, pelo Sr. João Motta.

Uma medalha em bronze pelo Sr. Ildefonso Miranda.

Uma espada com as armas imperiaes, pelo Sr. Matheus Vasconcellos.

Do illustre Dr. Olyntho Aguirre, um tronco e respectiva palmatoria, do tempo da escravidão.

Do illustre Desembargador Levino Chacon, alguns vidros com area monasitica e productos calcareos.

Muitas outras offertas, todas consignadas em actas, têm sido feitas ao Museu, comprovando, sobremodo, o interesse que tem despertado essa secção do Instituto.

Enriquecendo o nosso Archivo, entre outros documentos, constatamos a existencia dos que nos foram enviados pelo distincto socio correspondente Dr. Antonio Araujo Aguirre, que são os seguintes:

— Cópia do livro da Camara Municipal da cidade, então Villa de São Matheus, contendo os autos da medição e demarcação de seis lagôas em quadro, que mandou proceder o Doutor Desembargador Ouvidor Geral da Capitania de Porto Seguro, Thomaz Carneiro de Abreu, para rendimento a despeza do Conselho, no anno de 1754.

— Officio da Camara Municipal de S. Matheus, de março de 1823, remettendo copia dos officios recebidos do Ouvidor de Porto Seguro e consultando se deviam prestar obediencia ás autoridades da Bahia.

— Um autographo de 1822, dirigido ao Governo da Provincia, descrevendo localidade, lavouras e utilidades da colonisação de S. Matheus.

— Officio da comarca da Villa de S. Matheus, communicando ao Presidente da Provincia que do Conselho da Villa de Cachoeiro receberam officio, no qual determinam que mandassem deputados.

— Officio de Francisco da Cunha Menezes ao Governador da Capitania do Espirito Santo, sobre uma representação de Domingos Gomes Amorim, Capitão Mór das Ordenanças da Villa de S. Matheus.

— Um autographo de 26 de Agosto de 1839, do Capitão de Pedestre Ignacio Pereira Duarte Carneiro, encarregado pelo Governador Rubin, da ligação com a Provincia de Minas, dirigido ao Presidente da Provincia, João Lopes da Silva Coito, dando detalhada noticia da Estrada São Pedro de Alcantara, sendo este um documento de importancia inestimavel.

Offerta feita pelo illustre cidadão major Francisco Grijó, de um livro de compromisso da Irmandade de N. S. do Amparo da Villa de Victoria da Capitania do Espirito Santo, de 1817, com a permissão de D. João.

Offerta da copia do officio de S. A. Real o Principe Regente, mandando censurar o professor de grammatica latina, Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, pelo não cumprimento de deveres, datado de 15 de abril de 1822, feita pelo distincto pintor patricio, Levino Fanzeres.

Offerta do original de S. A. a Princeza I. Regente, mandando fazer mercê ao remador Bernardo Santos (Caboclo Bernardo), da medalha de primeira classe, feita pelo distincto Sr. cel. Antonio Lino.

Uma «proclamação» aos habitantes de Caravellas, feita pelo, então, Commandante militar, Manoel Ferreira de Paiva, offerta do nosso distincto consocio, Dr. Antonio Araujo Aguirre.

Varias outras dadivas temos consignadas em actas, o que prova o verdadeiro zelo patriotico do nosso povo, pondo á abrigo, os documentos da historia patria.

Para a Bibliotheca do Instituto, muitas têm sido as offertas feitas avultando, entre outras, a do nosso illustre socio correspondente Dr. José Freitas Bastos, que se compõe dos livros: collecção do «O

Mundo Literario»; collecção da «Revista Geral de Direitos»; collecção dos «Annaes da Faculdade de Medicina»; «Poemas» de Medeiros; «O Livro dos Sentimentos», de Austregesilo; «Letras Floridas», de Amaral; «Estação de Cura», Barreto; «O Sertão e o Mundo», Barroso; «Mãe» por Chrysantheme; «Memorias de um Patife», Chrysantheme; «Mentiras Historicas», «Revelações Historicas», «Os classicos e o antigo vernaculo», por Cintra; «Literatura e Arte Brasileira», por Castro; «Imperio de Sarcasmo», Carvalho; «O Paiz dos Deuses», Dutra; «Microcosmo», Fontes; «Accendalhas», Faria; «Caçadores de Symbolos», Grieco; «Nunca Mais», Luz; «D. Pedro II», Laet; «Discursos», Magalhães; «Sabedoria da Intelligencia», Miranda; «Nunca Mais», Meirelles; «Mortalhas», Menezes; «Vesperal», Netto; «Vida Futil», Perigrino; «Educação e Rotina», Pessoa; «Beatitudes» e «Holocausto», por Silva; «Elle», Trovão; «O Milho», Honnicult; «Pareceres», Bevilacqua; «Consolidação das Leis Penaes», Costa; «Estabilidade dos Funcionarios Publicos», Castro; «Campanha Abolicionista», Evaristo; «Novos Rumos de Direito», Miranda; «Musa Civica», Pinheiro; «Palavras de um solitario», Bevilacqua.

«A Revolução Paulista», pelo seu auctor, capitão Julio Barbosa.

Do illustre Commendador Candido Costa, a «Immigração Japoneza», de sua autoria.

Um mappa da cidade de S. Paulo, devidamente consignando todo o trajecto da Força Publica do Estado, pelo Sr. major Francisco de Assis.

«Proclamações allemães na Belgica e na França» e mappas agricolas, offerta do distincto consocio, Dr. Paulo Americo Silvado e 2 volumes da «Historia da Independencia».

Offerta feita pelo auctor, Dr. Mario Mello de um livro «Esboço Potonographico» de rios de Pernambuco.

«Um livro como os outros», do Dr. Fernando de Abreu, offerta do Sr. major Francisco de Assis.

«Frei Miguelinho» por F. C. Souza Pinto e por elle offertado.

Collecções de «Inventarios e Testamentos», do archivo de S. Paulo.

«Tratado de orthographia», de Madureira Feijó, pelo Sr. professor Braulio Franco.

«Historia e Arte de Obra Missionaria», offerta do distincto professor Almir Gonçalves.

«Minha terra e meu municipio», pelo auctor, Dr. Sebastião Maul.

«Montepio Civil», por Gobty de Alencastro.

«Apanhados historicos da Parahyba» por Celso Mariz.

«Actas da Assembleia Constituinte», pelo coronel José Olympio.

«A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias», «Historia da Bahia e Sergipe» offerta do Dr. Francisco Monteiro de Almeida.

Tem a Bibliotheca recebido todos os numeros das revistas dos diversos Institutos Archeologicos e Historicos, publicações do Apostolado Positivista, assim como as publicações do Museu e Archivo Nacional e de S. Paulo.

Jornaes, ella recebe o «A Folha», do Rio, o «Rio Imparcial» o «O Commercio», de S. Thereza e «A Noticia» de Collatina e a revista «Labor», aqui editada.

Por compra, foram adquiridos, por ordem do Sr. Presidente do Instituto, os seguintes livros, encadernados :

«Guia dos juizes municipaes», por Marcellino e Pessôa ; «Timidos Ensaio» e «Diccionario de Historia e Mythologia», de Euripedes Pedrinha ; «Pernambuco e seu desenvolvimento», por Oliveira Lima ; «Historia da Independencia», por Max ; «Marcações do infinito», «Pluralidade dos mundos», «Deus na natureza» e «Merveilles celestes» por Flammarion ; «Grammatica Portugueza», de Cesar Borges ; «Republica Romana», de Oliveira ; «Chane au chastre», Dumas ; «Cours de Botanica», de Jouvett ; «Martyr do Golgotha», de P. E. ; «As raças humanas» ; de Rodrigues ; «Republica Argentina», «O homem primitivo», por Figuier ; «Rhapsodias», de Coelho Netto ; «La Locomotion» ; «O homem», Aluizio ; «Diccionario de Theologia» ; «Esboço da Federação Espirita» ; «Mentiras Convencionaes», por Max ; «A poesia e a Arte», de Adherbal ; «Historia dos Consules», Thiers ; «Medicina suggestiva», Fontani ; «L'or e L'agent», Wolowski ; «Theologia Dogmatica», Cardinal ; «O abbade Constantino», Chagas ; «Roma e o Evangelho», Pellecier e «L'espirit des lois», por Montesquieu.

E mais as seguintes brochuras : «Anuario brasileiro» ; Recenseamento de Recife ; «A barra de Tutoya» ; «A Tutoya e o delta do Parahyba» ; «Os deputados brasileiros» ; «A abolição» ; «Narrando a verdade» ; «Execução da causa original nº 7» ; «Direito territorial de Pernambuco» ; «A fronteira oriental do Amazonas» ; Limites orientaes ; «Archivos parlamentares» ; «Cartas economico-politicas» ; «Almanak da Parahyba» ; «A reforma constitucional» ; «Limites do Maranhão com o Piahy» ; «Geographia do Brasil» ; «Federação Espirita Brasileira» ; «Contribuição para a historia e geographia de Maranhão» ; «Chronologia Mineira» ; «Traços biographicos» ; «Anuario de Minas» ; «Historia da idade media» ; «Almanack do Espirito Santo» ; «Almanak de S. Catharina» ; «Revolução do Equador» ; «Limites de Maranhão» ; «De rapazinho a Imperador» ; «Bicentenario de Ouro Preto» ; «La colonisation au Brasil» ; «Revista Americana» ; «Elementos de hygiene escolar» ; «Falla» ; «Revista academica» ; «Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis».

Esses trabalhos, num total de oitenta e nove volumes, foram adquiridos á razão de oito mil réis, por volume, perfazendo o valor de setecentos e doze mil réis.

Molte Brun, «Historie e Geographia e Universelle», obra completa, por cento e trinta mil réis.

«Diario da Manhã», sete collecções encadernados, por quatrocentos e vinte mil réis. «Diario da Manhã», uma collecção mal encadernada e uma do jornal «Estado», em identico estado, por cinquenta e oito mil réis.

«Albums de Pernambuco e Bahia», por cem mil réis.

Monta no valor de um conto quatrocentos e vinte mil réis, os livros que nessa relação se contem, adquiridos para a Bibliotheca do Instituto.

ADOLFO FRAGA

1º SECRETARIO

D. PEDRO II

Em sessão ordinaria de desenove de julho deste anno, ficou resolvido o Instituto historico prestar á augusta memoria do magnanimo Imperador do Brasil, D. Pedro II, homenagens civicas na data do centenario do seu nascimento.

Incontrastavel dever que nos assiste, foi com o applauso unanime da assembléa, que se deliberou homenagear a memoria de vulto inconfundivel, daquelle que acima de tudo collocou os interesses do paiz, salvaguardando-lhe a soberania, honrando-lhe o nome na sabia directriz que a sua politica traçou.

O programma das homenagens que o Instituto prestará ao grande Monarcha, ficou assim constituido :

I Fazer circular o IV numero da «Revista» do Instituto, em que se conterá escriptos referentes ao saudoso Imperador.

II Celebração de uma Missa Campal ou solenne Te-Deum.

III Determinação de uma commissão para solicitar dos Srs. Presidente do Estado e Secretario da Instrucção a designação do nome — «Escola Normal D. Pedro II», para a Escola Normal do Estado.

IV Sessão solenne do Instituto no dia dois de dezembro.

V Representação official do Instituto nas homenagens promovidas pelo Instituto Historico Brasileiro a D. Pedro II.

E' o que consta da acta da sessão ordinaria de desenove de julho de mil novecentos e vinte e cinco.

ADOLFO FRAGA

1º SECRETARIO

D. PEDRO --- O MAGNANIMO



Seu ultimo retrato — Galeria Mucio Teixeira



262



Terra do Brasil

*Espavorida agita-se a creança,
De nocturnos phantasmas com receio ;
Mas se abrigo lhe dá materno seio
Fecha os doridos olhos e descança.*

*Perdida é para mim toda esperança
De volver ao Brasil: de lá me veio
Um pugillo de terra: e nesta creio
Brando será meu somno e sem tardança...*

*Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memoria,
O' doce Patria, sonharei contigo !*

*E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da Historia.*

D. Pedro II

D. Pedro II

A nossa homenagem

Rendemos, hoje, o nosso tributo á memoria inolvidavel do ex-Imperador do Brasil.

Não precisa, aliás, dos nossos elogios D. Pedro de Alcantara porque os teve de Agassis, Gobert, Jules Simon, Darwin, Alexandre Herculano, Victor Hugo, Castelar, Camillo Castello Branco, Langfellow, Lamartine e Wagner.

Desde 1840, quando sua maioridade foi reconhecida, vem prestando os maiores e mais assignalados serviços á nacionalidade brasileira.

Erudicto, democrata, honesto e liberal; sob seu governo desenvolveu-se a nossa evolução juridica, tiveram curso os principios emancipacionistas, desde Eusebio de Queiroz, em 1850, até D. Izabel, em 1888, e as idéas de progresso foram acolhidas, quer sob o prisma material, quer sob o moral e o intellectual.

Recusou o bronze, pedindo que o transformassem em escolas, auxiliou letras e artes, repelliu insultos estrangeiros, conquistou victorias, correu o Brasil e atravessou a distancia que separa o Rio do Paraguay para levar o estímulo aos vencedores de Estigarribia.

Tudo se pôde negar ao Imperador expulso de sua patria, depois de velho e cansado no serviço publico, menos que não tivesse sido um grande coração.

D. Pedro não parecia filho do violento Pedro I e neto de João VI.

Foi um nobre espirito.

E no proprio dia sepulchral para a monarchia, D. Pedro II procedeu com patriotismo e nobresa, acceitando, pacificamente, a intimação contida na mensagem levada pelo major Solon para que, dentro de 24 horas, se retirasse.

Concorreu, assim, para que a transformação de governo apparecesse no Brasil ao contrario do que se deu em outros paizes, num concerto unisono de vozes pacificas. Veiu confirmar o que, a seu respeito, pensava Garcia Calderon: foi o primeiro republicano do Brasil.

Não é nosso intuito tecer aqui encomios ao magnanimo Bragança.

Mas, nesta data que recorda o centenario do seu nascimento, permitta-se-me que, em pensamento, sem quebra de nossos principios de puro republicanismo, nos transportemos os tumulo do segundo Imperador do Brasil e depositemos alli a nossa lagrima sentida, em homenagem a aquelle que, ao perder a magestade, fazia votos de felicidade á Republica nascente e, no exilio, pedia terra brasileira para collocar sob o seu leito mortuario...

CARLOS XAVIER

Centenario de Pedro II

No Rio de Janeiro, no palacio de S. Christovão, a 2 de Dezembro de 1825, pelas duas e meia da madrugada, veiu á existencia Pedro II, filho de Pedro de Alcantara, depois Pedro I, e de sua primeira mulher, D. Maria Leopoldina, rainha de Portugal, imperatriz do Brasil e archiduquesa de Austria.

Depois de Pedro I, radiante de alegria, communicar officialmente por intermedio do Ministro de Estrangeiros, Visconde de Santo Amaro, aos agentes diplomaticos o nascimento do herdeiro presumptivo da corôa, tratou-se de baptisar o principe, levado á pia na Capella Imperial, a 9 de Dezembro de 1825.

Pedro II casou-se no Rio de Janeiro, em meiadadas de 1843, com a irmã mais moça do rei de Napoles, D. Thereza Christina, que o tempo e a virtude tornariam o espelho das imperatrizes.

O nosso Instituto Historico e Geographico, attendendo a que é de Justiça honrar sempre, e do melhor modo, a memoria digna dos brasileiros extremados que hajam em qualquer tempo e de alguma forma contribuido para o progresso e engrandecimento da Patria; que o exemplo nobre dos estadistas do passado, no que elles produziram de elevado, deve ser rememorado a cada passo, como aproveitavel ensinamento para o trabalho esforçado das gerações vindouras, resolveu a commemorar com toda a solennidade a data de hoje, que relembra o primeiro centenario daquelle que não soube o que foi persiguição, que nunca negou uma esmola, que perdoara inimigos gratuitos e offensores sem razão, que tolerava a critica até a demasia, respeitara o vencido, não enthesourara e não consentira no desbaratamento dos dinheiros publicos, annistiando rebeldes, esquecendo aggravos, mas implacavel sempre para com quem quer que houvesse tentado siquer lesar o erario publico por qualquer forma de audacia ou esperteza.

Era tão bom, que o povo o cognominara de :— Pedro o Magnanimo, como homenagem ao seu alto espirito de bondade.

Se assim era appellidado pelo povo de sua terra, era filiado por Victor Hugo : — «Rei sabio, o homem de sciencias» ; no dizer de Lamartine : — «principe philosopho» ; «Modelo para todos os soberanos do mundo», como o proclamou Gladstone, para quem o Brasil do segundo reinado era uma — «democracia coroada» ; «o primeiro republicano do Brasil», — não pensar de Garcia Calderon ou então cite-mos as palavras do nosso emerito presidente, o abnegado compatriota C. X. que desde aqui chegou tem sido incansavel em dedicação e carinho ao nosso Estado, na sua «ementas» nº XXX de 2 de Dezembro de 1924 :

«Pedro de Alcantara não necessita de nossos elogios porque os teve de Gobert, Jules Simon, Agassiz, Darwin, Alexandre Herculano, Castellar, Camillo Castello Branco, Longfellow, Wagner e tantos outros.

A 14 de Novembro de 1889 o vimos pela ultima vez pelas cinco horas da tarde, quando, depois de assistir o concurso para lente de inglez, tomava o carro, á porta do externato, em direcção a Petropolis, não se esquecendo de avisar ao seu professor de grego, o Barão de Tantphœus, a lição do dia seguinte.

Ainda naquella idade estudava e era, com muita justiça, cognominado na Europa: — o rei sabio, o homem de sciencias.

.....
No dia seguinte, 15 de Novembro, o sceptro, a corôa e o throno, tudo isto rolava por terra com a Proclamação da Republica, e no dia 16 desse mesmo mez recebia com toda a calma, patriotismo e nobreza a intimação contida na mensagem levada pelo major Solon para que, dentro de 24 horas, se retirasse do Brasil, o que fez, seguindo para Europa no «Alagoas», escoltado pelo «Riachuelo», dirigindo votos de felicidades á Republica nascente e levando um pouco de terra brasileira para collocar sob o leito mortuario.

Entre as paredes de um hotel de Paris, a 5 de Dezembro de 1891, exhalava o ultimo suspiro o Magnanimo Bragança.

Ao commemorar o centenario de Pedro de Alcantara, o segundo Imperador do Brasil, desse eminente brasileiro, curvemo-nos diante do seu athaude e ali depositemos a nossa lagrima sentida de verdadeira saudade e gratidão.

M. O'REILLY DE SOUSA

D. Pedro II, o Magnanimo

*Salve, ó rei ! rei no exilio e no abandono,
Mais rei no exilio do que os reis no throno,
Rei até sobre o pó !*

(M. Leal.)

Organisando o presente numero da «Revista» do Instituto, aonde tributamos ao inconfundivel vulto da nossa Historia, uma sincera e elevada homenagem, pela data do centenario do seu nascimento, permittimo-nos a repetição de conceitos emittidos á personalidade augusta daquelle que, como Imperador do Brasil, deixou traços tão indeleveis que o perpassar dos tempos mais os faz brilhar.

Segundo Imperador do Brasil, a índole pacifica, a recteza e altivez de character e a bondade do coração de D. Pedro, bem o tornaram digno do mais devotado acatamento, da mais profunda admiração por parte de todos os espiritos de escól, por parte de toda a unanimidade sadia e justiceira.

Nascido na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em 1825, foi elevado ao throno em 1831, tendo, assim, pouco mais de cinco annos de idade.

No periodo comprehendido desta data, 1831, a 1840, quando alcançou sua maioridade, quatro regencias se passaram.

Sagrado e coroado em 1840, o jovem Imperador logrou pacificar as agitações reinantes no sul, em 1845, e as que rebentaram nas Províncias de Minas e S. Paulo, em 1842 e em 1848, a que ensanguentou a de Pernambuco.

Ainda bem moço desposou D. Pedro a princeza D. Thereza Christina, filha do rei das Duas Sicilias.

Durante o seu reinado sustentou a guerra contra os dictadores da Confederação Argentina e do Uruguay, Rosas e Oribe, em 1849, e que terminou com a victoria de Monte Caseros, que se deu em 1852.

Ainda uma outra guerra, e essa muito peor, teve de sustentar contra o Uruguay e depois com o Paraguay.

Com o Uruguay terminou em 1865, com a capitulação de Montevideu, após a tomada de Paysandú ; com o Paraguay, só terminou a luta em 1870, cabendo-nos os louros de victoria.

O seu espirito, comquanto pacifico e calmo, pelo muito amor que dedicava ao paiz e ao povo, tinha arroubos entusiasticos, manifestações estoicas ; assim o foi quando os paraguayos invadiram o

Rio Grande do Sul, pela cidade de Uruguayana. Para lá immediatamente elle se transportou, só tornando quando se deu a retomada da cidade, como sequencia da expulsão dos invasores, da Provincia.

Não queremos nos deter em rever os traços que predominaram na sua administração, tornando-o digno de muitos titulos de benemerencia. São elles bem conhecidos e hoje não ha quem não renda homenagens aos caracteristicos desse patriota emerito.

Foi um dos seus maiores desvelos a instrucção publica, sendo um dos seus maiores feitos a abolição da escravatura, nodoa que maculava a nossa civilização.

Coração magnanimo, tinha D. Pedro um zelo especial pelos servidores do paiz, prodigalizando pensões ás familias de funcionarios antigos e auxiliando todos que demonstravam aptidões ás sciencias e artes.

Tolerante, de uma bôa fé e simplicidade a toda a prova, muito concorreu esse seu traço caracteristico para o desenvolvimento das ideas democraticas no paiz.

A 15 de Novembro de 1889, com a proclamação de Republica, deu-se a queda do regimen imperial, já de ha tempo bem equilibrado nos seus alicerces basicos.

Em 1892, em Paris, deixou de viver D. Pedro II. Baixando ao tumulo, teve a sua veneranda cabeça descançada sobre um pequeno travesseiro onde se continha um pugillo de terra brasileira.

O seu corpo depois de embalsamado, foi retratado pelo pintor André Jacquenot.

A guarda de honra ao feretro, deu-a officiaes da Guarda Republicana, por ordem do governo francez.

No caixão mortuario via-se uma placa de prata com os seguintes versos de Camões :

«Ditosa Patria que tal filho teve!
Mas antes pae ; que emquanto o sól rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno
Sempre suspirará por tal alumno.»

Sobre os funeraes do grande Imperador deixamos que fale a penna scintillante do Conde de Affonso Celso.

«Quarta-feira, 9 de Dezembro, celebraram-se as exequias na egreja de Magdalena, para onde o feretro foi conduzido, acompanhado de representantes de altas corporações do Estado, corpo diplomatico, numerosas notabilidades.

Tiveram pompa extraordinaria as solennidades funebres ; observou-se o mesmo ceremonial adoptado para as exequias do rei de Hanover, unico soberano estrangeiro fallecido até então em Paris.

Compareceram a rainha Isabel II de Hespanha, e infanta D. Eulalia, varios principes das familias de Orleans e Bourbon de Napoles, quasi todos os membros do Instituto de França, além do cardeal Richard e dos representantes do Governo.

Uma divisão, composta de milhares de soldados, commandada pelo general Saint Marc, enfileirava-se pelas avenidas e *boulevards*,

nos quaes se agglomerava multidão immensa, desde a Magdalena até á estação de caminho de ferro, donde o sequito funerario seguiria para Lisboa.

Troava, com pequenos intervallos, a artilharia dos fortes e um parque collocado no *Hotel des Invalides*.

Entre alas das tropas, com as armas em funeral, ladeadas de enorme multidão, num carro puxado por oito cavallos, levados a mão por creados a pé, foi conduzido o caixão até a estação de via ferrea.

Acompanhavam-n'o numerosos outros carros, levando centenas de coroas, entre as quaes as dos soberanos da Europa, as das Republicas do Chile e Argentina.

Destacavam-se duas com estas inscrições : «*A D. Pedro II que deu ao Brasil meio seculo de liberdade, progresso e gloria, nos tempos felizes em que o pensamento, a palavra e o gesto eram livres e em que o Brasil libertava povos oprimidos*».

«*Ao grande Imperador por quem se bateram Caxias, Osorio, Andrade Neves e tantos heróes — Os Voluntarios da Patria*».

Durante o trajecto, havia tocantes manifestações de respeito e apreço, dos deputados, ao passar o cortejo pelo Palais Bourbon, dos estudantes, ao desfilar no quarteirão das Escolas, da população operaria, nos bairros populares.

Chegado o ataúde á estação, desfilaram perante elle as tropas, no que levaram mais de uma hora, fazendo-lhe as continencias de estylo ; abateram as espadas, os officiaes, inclinaram-se as bandeiras dos regimentos.

Partiu á noite para Lisboa o comboio funebre, levando a familia imperial, numerosos brasileiros, a legação de Portugal em França e outras pessoas de distincção.

A alguns republicanos causava estranheza o facto de haver o exercito da Republica Franceza prestado homenagem a um monarcha deposto e sobre cujo feretro havia a antiga bandeira e a coroa imperiaes.

Foi grande gentileza do Governo francez, devida ao immenso prestigio e profunda estima de que gozava, em toda a Europa, D. Pedro II.

O governo francez fez mais : acompanharam o coche funereo o representante do presidente da Republica, Sadi Carnot, o ministerio, as mesas do Senado e da Camara, o corpo diplomatico, á excepção da Legação do Brasil, membros das cinco Academias, do Instituto de França, convidadas todas essas corporações, por intermedio do ministerio dos negocios estrangeiros.

Calculou-se em 200.000 as pessoas que assistiram á passagem do cortejo, apinhadas as janellas dos predios, os telhados, os galhos das arvores.

Em todas as estações ferro-viarias de França e da Hespanha, nas quaes parou o comboio funebre, as autoridades civis e militares, bem como o povo, em consideravel quantidade, saudaram respeitosamente o cadaver imperial.

A' similhaça do Governo Francez, o Hespanhol esmerou se nas demonstraões de acatamento e pezar.

Tropas, em todas as paradas, representantes da administração local e da de Madrid apresentavam-se em grande uniforme.

Numerosas coroas ajuntavam-se ás trazidas de Paris.

Em Madrid, varios regimentos do exercito, com os estandartes cobertos de crêpe, fizeram continencia, enquanto as bandas de musica tocavam o hymno nacional brasileiro e salvava a artilharia.

Representante da rainha regente, o Ministerio, o corpo diplomatico, inclusive o barão de Alencar, plenipotenciario do Brasil, compareceram á estação.

A população madrilena associou-se ás manifestações officiaes; gente do povo atirou flores sobre o caixão.

Ao entrar o trem mortuario em Portugal, tornaram-se ainda mais vivas as demonstrações de acatamento, nas quaes as autoridades e a população cumularam em gentileza.

Foi grandiosa em Lisboa a recepção, a que assistiram o rei D. Carlos, a côrte, o principe D. Affonso, — que tinha ido com seu estado maior e ministros de Estado ao encontro do comboio no Entroncamento, — representantes do Imperador da Allemanha e da rainha da Hespanha, tudo quanto a capital portugueza possuia de mais notavel.

Sumptuosos tambem os funeraes em S. Vicente de Fóra, onde a rainha D. Amelia aguardava a Princeza Izabel.

Commoventes scenas occorreram, traduzindo o respeito e o pesar publicos.

Terminados os officios, em que figuravam o Cardeal Patriarcha de Lisboa e doze bispos, foi o corpo transportado para o jazigo da Casa de Bragança e collocado entre os tumulos da Imperatriz D. Thereza Christina e da Rainha de Portugal D. Amelia, segunda esposa de D. Pedro IV de Portugal e primeiro Imperador do Brasil.

Entre as ricas corôas depositadas sobre o ataúde, destacavam-se a do *Instituto Historico* e a do de Advogados Brasileiros, tendo esta ultima a seguinte inscripção :

«*Ao defensor das liberdades civicas de sua patria.*»

Não pretendemos, de forma alguma, estudar o individualidade de D. Pedro II, mas aproveitando o ensejo que temos em lembrar a sua augusta pessoa, na data do centenario do seu nascimento, é justo que procuremos afastar de alguns espiritos o engano em que ainda vivem attribuindo ao venerando Monarcha allusões menos verdadeiras.

Elle foi um Bom, em toda força de impressão e o seu sabio governo foi um exemplo de cordura, dignidade e honradez.

Apreciado fóra da Patria eis, algumas das opiniões coordenadas pela penna do illustre publicista Gastão Penalva. Diz Adalberto da Prussia, quando D. Pedro apenas contava 17 annos: «Possue a gravidade e as maneiras de um homem inteiramente desenvolvido. Seu grande prazer reside no impulso e no progresso da instrucção, que elle mesmo se applica por toda a sorte de conhecimentos».

Alexandre Herculano escrevia: «todo o mundo sabe que o jovem soberano consagra ao culto das letras todos os lazeres que lhe facultam as suas occupações de chefe de Estado».

Ferdinand Wolf, referindo-se a literatura brasileira em 1840, diz: «O Imperador representa o maior papel nesse desenvolvimento. Elle não se contenta de amar e proteger as sciencias e as artes, de reunir em sua côrte os sabios e os artistas, de os favorecer, não por calculo, como Augusto, ou por vaidade egoista, como Luiz XIV. Ama-os pelo seu proprio valor e por evidente conhecimento de causa».

Carlos Darwin referindo-se a D. Pedro, disse: «Todo o sabio lhe deve o maior respeito».

Iriamos longe se pretendessemos enumerar as opiniões formuladas por estrangeiros sobre a individualidade intellectual de D. Pedro.

Alexandre Dumas Filho, Arsène Houssaye, Frederico Mistral, Victor Hugo e tantos outros, reconheceram o valôr intellectual pouco commum de D. Pedro.

Quanto ao seu coração magnanimo, a sua bondade, assim se refere o austero orgão americano, «New York Herald», quando noticia o seu passamento: «Em outro seculo, os seus antigos subditos teriam glorificado a D. Pedro, rendendo-lhe os maiores louvores. Seria conhecido na historia sob a denominação de *Pedro, o Bom*. Em todo caso a bôa memoria de seu nome não pode deixar de ser perpetuada no paiz que por tanto tempo governou e com tanto benignidade e doçura, tendo commettido tão pouco erros, e fazendo e espalhando o bem. D. Pedro era de certo um dos maiores vultos de actualidade».

Para honra nossa, porem, a quase totalidade dos brasileiros illustres jamaes negou todo o valôr que possuía o soberano insigne.

Como documentos de alto valôr historico, aqui reproduziremos alguns topicos de artigos tracejados por Joaquim Nabuco, José Verissimo e Quintino Bocayuva, reunidos, com religiosa paciencia, pelo illustrado Conde de Affonso Celso.

«A memoria de D. Pedro II, declarou Joaquim Nabuco, não pertence unicamente á nação de que elle foi guia e pae: pertence tambem ao seculo de que foi lustre e honra, ao Novo Mundo de que foi no seu tempo o mais respeitado representante, á Humanidade inteira, na qual ficará sendo uma das personificações mais gloriosas, mais dignificadoras e mais comprehensivas da virtude moral.

Nesse sentido é que se ajusta perfeitamente a D. Pedro II a phrase celebre — *o homem fazia honra ao homem*; e sob esse aspecto superior e bemfazejo é que o seculo XIX alistarâ no patriciado de suas glorias e inscreverá no Pantheon dos seus herôes o nome desse Imperador.

Cabe, porém, ao Brasil reivindicar-o especialmente como a maior figura da sua historia, a qual se confunde com a do Grande Morto nestes 50 annos em que se formou para a liberdade, para o trabalho e para a civilisação, allumiada pela sabedoria, guiada pela virtude e dirigida pelo patriotismo do preclaro soberano.

O seculo XIX chamar-se-á, na historia brasileira, o seculo de Pedro II, com jús não menor que o seculo de Augusto em Roma ou o de Luiz XIV em França.

Visto no seu conjunto o seu reinado é uma obra prima de paciencia humana e de dedicação patriótica.

Teve e habilidade de conseguir, por perto de meio seculo, a quasi unanimidade nacional em apoio do seu throno e de sua pessoa. Essa unanimidade se refez em torno do seu feretro, em um sentimento de saudade pungente e de gratidão sem limites.

O Brasil todo sentiu que desaparecera o primeiro dos brasileiros, o primeiro pelo patriotismo, o primeiro pelo desinteresse, o primeiro pelo martyrio.

Deante de sua grandeza moral, eterna como as grandezas physicas da nossa terra, desaparecem todas as outras personalidades...

Tratando do que se arguia ao Imperador, Joaquim Nabuco accentuou que a siseudez, a probidade, o decoro das altas regiões e outras nobres qualidades ainda não tiveram entre nós alta e mais completa personificação.

Quanto á increpação de poder pessoal é innegavel que a clara intelligencia, a illustração, a experiencia, o desinteresse, a pureza de intenção do Imperador exerciam necessaria ascendencia entre os que com elle collaboraram no governo do paiz.

Sua intervenção, porém, não excedia desses limites e sempre que se fazia sentir era justificada pelos intuitos patrioticos e pela grandeza das causas.

D Pedro II, continúa Joaquim Nabuco, foi além dos estadistas do seu tempo, no pensamento de promover e preparar a liberdade dos escravos; sua acção não podia deixar de ser lenta e só poderia ser efficaz se fosse constante; elle carecia convencer os homens politicos e attrahir o concurso da nação.

Percebe-se hoje que nesse trabalho as interrupções não foram senão apparentes, mas, para chegar aos resultados, elle não quebrou os moldes que a Constituição lhe traçara.

Occupando-se do funeral do Imperador, disse Joaquim Nabuco que tudo se reuniu nessa demonstração unica para dar-lhe o cunho de uma grandeza original e suggestiva.

O mundo inteiro tomou parte nelle, sentindo que não fazia senão elevar a propria Humanidade, rendendo esse tributo a um de seus vultos supremos, e foi a França, o cerebro e o coração da raça latina, que se fez o órgão de veneração unanime dos Dois Mundos o conductor dessa epopéa funebre.»

José Vesinino assim termina o seu artigo:

«Bastou que a sua grande elevação moral — uma das maiores que o seculo tenha visto, — nos haja dado como nenhum outro povo teve essa atmospheria fecunda de liberdade onde puderam vingar e medrar todas as manifestações do nosso espirito.

Só por isso elle foi, talvez, o mais importante factor do nosso desenvolvimento intellectual.

Quantos neste paiz têm a honra de empunhar uma penna convencida e honrada, por modesta e obscura que seja, reconhecerão que jamais, durante o seu longo reinado, tiveram de deixal-a cahir, ou sequer illudir ou velar o seu pensamento.

Todos pensavamos como queriamos e diziamos o que pensavamos.

Eu não sei que maior elogio se possa fazer a um estadista, nem que maior serviço pudesse elle ter feito ao nosso desenvolvimento espiritual.

Quantos ainda temos fé na Republica só devemos desejar que ella o continue neste ponto e que nos restitua sem intermitencias nem restricções a liberdade que com D. Pedro II tivemos».

O artigo de Quintino Bocayuva, ardoroso republicano da propaganda e membro do Governo Provisorio, assim termina:

«O simples facto de haver estado hontem a bandeira da Republica a meia haste, em tantos edificios, e o de haverem cerrado as portas de quasi todo o commercio, prova que o ex-Soberano do Brasil era, como homem, justamente estimado pelas suas nobres qualidades pessoases.

Diante do sarcophago que vae receber o despojo moral daquelle que foi o Imperador do Brasil, um só sentimento podemos nutrir e manifestar — o de mais respeitosa homenagem ás virtudes privadas que ornaram o caracter do homem que acaba de desaparecer dentre os vivos.

A Republica que, na hora do seu triumpho foi magnanima, hoje, no momento em que desaparece dentre os vivos, o Sr. D. Pedro de Alcantara, só pôde ter e só deve ter para com a sua memoria e respeito devido a um Brasileiro illustre, que ao menos pelo seu caracter e virtudes pessoases, não deshonrou o Brasil e desempenhou como pôde, ou como soube, com boa intenção e animo recto, as altas funcções de que foi investido como chefe supremo da Nação brasileira».

Eis o preito que melhor convinhamos render á memoria de D. Pedro II, na data que assignala o centenario de seu nascimento; esclarecer com o testemunho inequivoco de estrangeiros illustres e não menos illustres brasileiros republicanos os principaes caracteristicos da sua conducta, como governante, fazendo justiça aos seus meritos incontestaveis, algumas vezes postos em duvida pela imperdoavel critica exhibicionista ou, mesmo, pela ignorancia da verdade historica.

Honra á memoria augusta do grande brasileiro D. Pedro I I, o Magnanimo.

ADOLFO FRAGA

COLLEGIO PEDRO II

Por um decreto de 2 de dezembro de 1837, firmado pelo regente Pedro de Araujo Lima e pelo ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos, foi convertido o antigo seminario de S. Joaquim em instituto de instrucção secundaria com a denominação de Pedro II, completa assim hoje 88 annos esse estabelecimento de instrucção.

Era impossivel ao Collegio Pedro II, guardar silencio na commemoração do primeiro centenario do nascimento daquelle a quem deve, successivamente, nome, fama, protecção e carinho, crescida a instituição quasi ao compasso da idade do soberano patrono.

E' bem modesto o preito do Collegio, simples folha a ajustar ás corôas votadas, a 2 de dezembro de 1925, áquelle cuja corôa imperial rolou da frente, para descobrir melhor a testa do homem de bem.

Foi o exemplo semi-secular pelas grandezas da terra. Vimol-o, Imperador do paiz do ouro e dos brilhantes, presidir concursos e exames do Collegio, visitar as aulas, arguir os alumnos, pobre, de sapatos com meia sola.

Diversas reuniões foram feitas no Externato, sob a presidencia do director, o illustre dr. Euclides Rôxo, tendo sido tomadas diversas providencias para a commemoração do dia de hoje, na qual devemos figurar, segundo solicitação feita aos preclaros collegas Abreu Fialho, Raul Pederneiras e Euclides Rôxo.

Mas não fujamos do nosso fim ; fazer um retrospecto historico do Collegio :

Ha mais de um seculo, quando ainda o nosso Brasil estava sujeito ao arbitrio dos vice-reis e á vontade da corôa portugueza, residia no Rio de Janeiro, em um pequeno sobrado proximo á egreja de S. Pedro, um misero proletario, cujo nome se perdeu, e que exercia o cargo de sachristão mór.

Esse bondoso sachristão, á custa de esmolos e donativos, iniciou em sua mórada uma casa de caridade, onde foi crescente o numero de soccorridos, infelizes entesinhos atirados ao seio da orphanidade e da pobreza, que eram conhecidos por *orphãos de S. Pedro*.

Aqui tambem em Victoria temos não um sachristão, mas, um sacerdote, alma grande e nobre, o Padre Leandro Dell-Uomo, que fundou, vindo preencher um claro enorme, o asylo de orphãos em

S. Francisco, com a denominação de Asylo do Sagrado Coração de Jesus, onde já ha perto de cincoenta desses pobres entesinhos, que vemos todos os dias, da janella da nossa sala das refeições, alegres, brincando.

E' preciso darmos a mão a esse virtuoso sacerdote, porque quem sabe se nesse asylo não está um segundo Collegio Pedro II? Ainda iamos nos desviando do nosso fim, fechemos o parenthesis e continuemos.

Mais tarde, o terceiro bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco Antonio de Guadalupe, transferiu os orphãos para uma casa proxima, porém, de maior largueza e instituiu o seminario dos orphãos de S. Pedro, nomeando para reitor o padre Sebastião da Motta Leite.

Em 1758, Manoel Campos Dias, tendo edificado uma ermida a S. Joaquim e vendo que o Seminario era pequeno para o numero de educandos que ali regorgitava, deu-lhes a capella que erigira e ainda os terrenos contiguos, para o levantamento de um edificio.

Em dezembro de 1766, sob a direcção do padre Jacintho Pereira da Costa e do reitor, conego Antonio Lopes Xavier, estando já construido o edificio, foram os orphãos transferidos da rua S. Pedro para a de S. Joaquim.

Os orphãos de S. Pedro passaram a ser chamados os *seminaristas* de S. Joaquim e o povo, achando-lhes estravagantes as vestes brancas, os cognominava de *carneiros* de S. Joaquim.

Em agosto de 1811, o reitor obteve do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho a mudança dos habitos dos seminaristas, que também alcançaram de D. João VI a concessão de usar uma medalha de honra.

Em 1818, tendo sido necessario alojar a divisão portugueza, que chegara de Lisbôa, foram os seminaristas de S. Joaquim transferidos, por ordem de D. João VI, para o Seminario de S. José, mas, o principe regente D. Pedro de Alcantara, por decreto de 29 de maio de 1831, mandou restabelecer o Seminario de S. Joaquim.

Em 2 de dezembro de 1837, em commemoração ao anniversario de D. Pedro de Alcantara, o Seminario foi convertido em Collegio Pedro II e nomeado reitor D. Antonio de Arrabide, bispo de Anemuria, tomando o governo conta dessa casa de ensino para lhe dar maior desenvolvimento.

Foi organizado um curso completo de humanidades com as condições necessarias para o bacharelado, sendo chamados para regerem as disciplinas das varias series, os homens mais proficientes daquella epoca.

Em 20 de dezembro de 1843 graduava-se em letras a primeira turma de estudantes.

Por decreto de 24 de outubro de 1857, o internato foi desagregado do externato, passando aquelle para a rua S. Francisco Xavier e continuando este na de S. Joaquim, hoje, Marechal Floriano.

Com o advento da Republica esse velho e glorioso estabelecimento de instrucção foi denominado — Instituto de Instrucção Secundaria, — e logo depois — Gymnasio Nacional, — tendo sido o internato transferido para o Campo de S. Christovão.

Em relatorio ao então Ministro da Justiça, dr. Tavares de Lyra, o distincto pedagogo, dr. José Bernardino Paranhos da Silva, então director do internato do Gymnasio Nacional, que tão brilhantemente tem sabido honrar as gloriosas tradições da casa, onde se manufacturaram os cerebros mais pensantes que têm fulgurado em nossa Patria, solicitou, como um acto de justiça, que fosse restituído o nome do Collegio Pedro II ao Gymnasio Nacional.

A Justiça, ás vezes, é tardia, mas, não falha e, assim, por decreto de 22 de julho de 1910, o illustre estadista dr. Nilo Peçanha, que fez o curso de humanidades nesta capital, então dirigente dos destinos da Nação, restituiu o nome de Collegio Pedro II ao externato e denominou — Bernardo de Vasconcellos, o internato.

Esse acto foi recebido com grande satisfação e applausos, principalmente por aquelles que, como nós, ali aprenderam e estudaram.

Só mesmo quem ali fez o curso pode aquilatar do amor, dedicação e carinho, que Pedro II dispensava áquelle estabelecimento de ensino, onde de quando em vez se achava e se manifestou o mais amante da instrucção, no segundo reinado da nossa Patria.

A narração despretenciosa e singela que fazemos do primeiro estabelecimento de instrucção secundaria do paiz, é não só a representação verdadeira, do que ali observamos durante o bacharelado, em um curso de sete annos, como tambem do que falam as chronicas e do que nos contam os historiadores.

Para mostrarmos o grande serviço que tem prestado á nossa Patria esse estabelecimento, citaremos, dentre outros muitos que têm sabido honrar-o nas letras, na sciencia, no fôro, na alta administração do paiz e na representação nacional, os nomes de: Perdigão Malheiros, Visconde de Ourem, Busch Varella, Francisco Corrêa, Paulino Soares de Souza, Barão do Rio Branco, Barão de Lucena, Barão de Cotegipe, Ferreira Vianna, Antonio Prado, Oliveira Lisboa, Julio de Moura, Escragnolle, Taunay, Pizarro, Rego Cesar, Honorio Coimbra, Ramiz Galvão, Furquim Werneck, Baptista de Lacerda, Moreira Pinto, Moncorvo de Figueiredo, Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Carlos de Carvalho, Francisco Portella, Carlos Laet, Barbosa Lima, Fróes da Cruz, Teixeira Mendes, Raul Pompéa, Principe D. Pedro Augusto, Pardal Mallet, Edwiges de Queiroz, Lima Drumond, Mario Alencar, Osorio Duque Estrada, Floriano de Brito, Catta Preta, Miguel Pereira, Fernando Magalhães, Abreu Fialho, Alvaro Ramos, A. Pacheco Leão, Raul Pederneiras, Armando Dias, J. B. Paranhos da Silva, Custodio de Almeida, Ruch, Salaberry, Backeuser, Luiz Catanhede, Paes Leme, João Ribeiro, Souza Dantas, Pedro Vianna, Lorena, Duque Estrada, Sigaud, Euclydes Roxo, Alfredo Russell, Angra de Oliveira, Naylor, Francisco Valladares, Irineu Machado, Amarilio Vasconcellos, Vicente Piragibe, José Tavares Bastos, (Juiz Federal desta Secção) e outros muitos.

D. Pedro, (principe do Grão Pará e filho do Conde D'Eu) tambem se matriculou no Collegio com o seu irmão D. Luiz Maria (fallecido), tendo por aio o Barão de Ramiz Galvão, foram nossos con-

temporaneos. Dizem que tendo o Ministro do Imperio, Barão do Cotegipe, baixado um aviso prohibindo que os alumnos das escolas publicas tivessem jornaes ou revistas em que distrahissem os estudos, e tendo os principes uma revista o «Correio Imperial», em que trazia em critica o nariz de Cotegipe, por isso o Conde preferiu retirar os seus filhos do Collegio, do que acabar com a revista.

Hoje deve comparecer ao Collegio, com a sua exma. Senhora, o principe do Grão Pará, porquanto, em uma das reuniões dos bachareis, foi nomeada uma commissão para esse fim.

O principe D. Pedro Augusto, que figura na lista supra, é primo do actual principe, que se acha no Rio.

Da galeria illustre, com excepção do Barão do Rio Branco e Irineu Machado, que se retiraram ao terminar o quinto anno, todos assumiram, com a imposição do capello branco, o compromisso de bem honrar o seu grão, collaborando para a prosperidade da Patria.

O curso do bacharelado era feito em sete annos com as seguintes disciplinas: portuguez, francez, inglez, latim, italiano, allemão, grego, arithmetica, algebra, geometria, trigonometria, geographia, cosmographia, historia sagrada, historia universal, historia natural, physica e chimica, historia do Brasil, chorographia, philosophia, logica, rhetorica, poetica, litteratura nacional, desenho, gymnastica e musica.

O alumno, ao fazer o quinto anno, só ficava-lhe faltando para a matricula na faculdade de direito — philosophia e rhetorica, materias dos sexto e setimo annos, deixava, pois, o curso do bacharelado e fazia na instrucção publica, em março do anno seguinte, essas disciplinas, lucrando, assim, dois annos, como o fizeram o Barão do Rio Branco, Irineu Machado e outros.

O curso de sete annos foi até 1890, d'ahi passou o curso para seis annos com a suppressão de algumas materias e mais tarde para cinco, como o é até hoje.

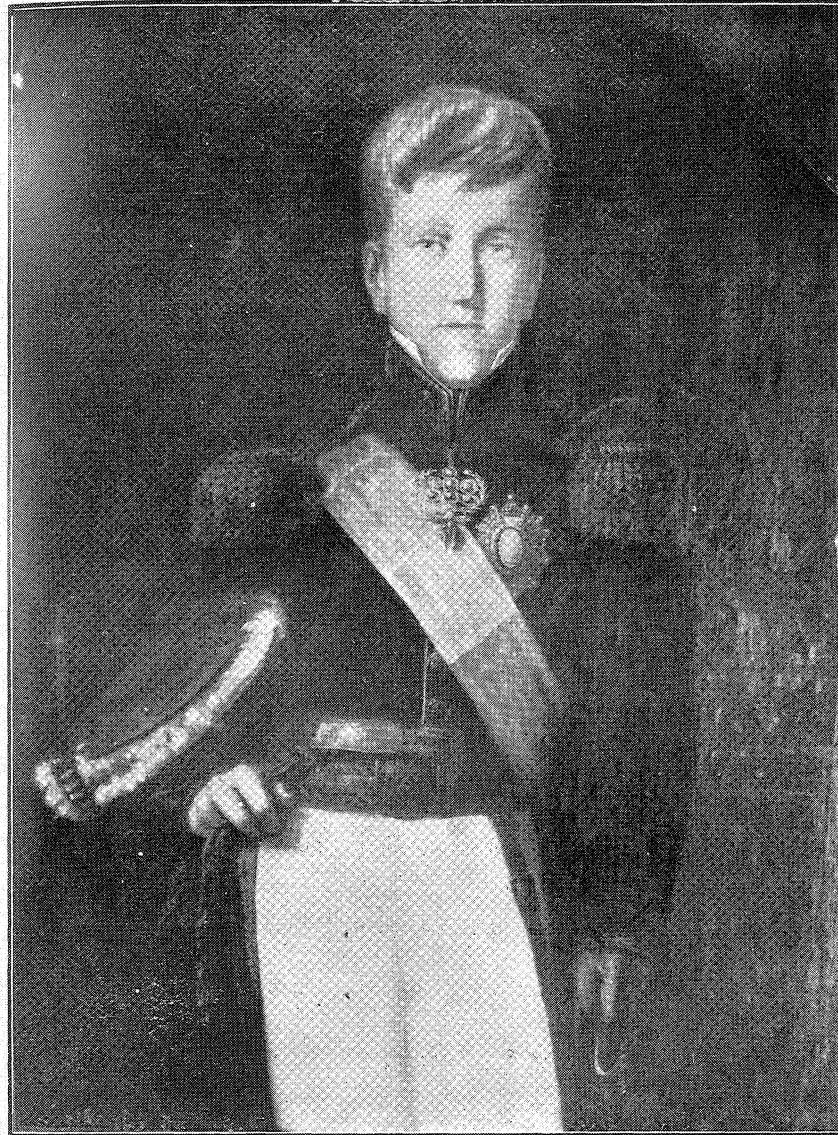
São bachareis em sciencias e letras pelo Collegio Pedro II os seguintes espirito-santenses: Narciso Araujo, advogado (1895); José Augusto Monteiro Nogueira da Gama, medico, já fallecido (1893); Antenor O'Reilly de Sousa, major medico do exercito e chefe de clinica da Escola Militar (1892) e Henrique O'Reilly de Sousa, desembargador do Tribunal Superior de Justiça, (1890).

Não é o amor que temos ao Collegio Pedro II, que nos faz enaltecel-o, é a verdade dos factos, que o demonstra, é a logica inconcussa da realidade que o prova.

O pouco que sabemos de sciencias e letras foi adquirido no Collegio Pedro II e não era possivel deixar de acompanhar o Instituto Historico e Geographico na commemoração do primeiro centenario do nascimento de Pedro II, esse magnanimo philosopho e poeta, que nos concedeu matricula gratis, para ali estudar sete annos, por sermos orphãos; como singela homenagem derramemos uma lagrima sentida de verdadeira saudade e immorredoura gratidão.

H. O'REILLY DE SOUSA

D. PEDRO II



Galeria do Instituto Historico do Espirito Santo



A' Imperatriz

Corda que estala em barpa mal tangida,
Assim te vaez, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minha alma estremecida!

De Augusto e velho tronco haste partida
E transplantada á terra Brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira,
Em que todo infortunio achou guarida

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Cabiste, e eu fico a sós neste abandono
Do teu sepulchro vacillante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu somno..
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio,
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO II

Justas homenagens

Não ha quem, occupando um logar de destaque nas sociedades constituidas, mormente na esphera politico administrativa, escape ás invectivas dos criticos demolidores, não ha quem não soffra as injustiças das opiniões maldosamente guiadas.

De forma que para nós todos, republicanos convictos, tornam-se merecedoras da mais franca satisfação, essas projectadas manifestações civicas com que todo o Brasil assignala o centenario do nascimento do grande brasileiro D. Pedro II, como grandiloqua e estupenda manifestação de justiça aos meritos incontrastaveis desse austero e venerando vulto da Patria.

Como uma pagina do mais justo preito de homenagens á grandiosa data de hoje, transladamos para a «Revista» o projecto apresentado á Camara Federal, de autoria do illustre deputado Sr. Wanderley Pinho:

«O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º E' considerado de festa nacional o dia 2 de dezembro de 1925, consagrado á commemoração do centenario natalicio do Imperador do Brasil, D. Pedro II.

Art. 2º O poder executivo providenciará de modo a inaugurar-se, no dia 2 de dezembro de 1925, em Petropolis, o mausoléu destinado a recolher os restos mortaes de D. Pedro II e sua familia.

Art. 3º E' o governo federal autorizado a contribuir para a subscrição nacional promovida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, destinada á erecção de um monumento a D. Pedro II, em uma das praças desta capital.

Art. 4º No mesmo dia 2 de dezembro de 1925, á estação inicial da Estrada de Ferro Central do Brasil será dada a denominação de D. Pedro II, nome que será inscripto na fachada principal do edificio.

Art. 5º A partir da mesma data, serão postos em circulação sellos postaes dos valores de duzentos réis e outros, com a effigie de D. Pedro II.

Art. 6º Para os fins desta lei e outras homenagens officiaes á memoria de D. Pedro II, fica o poder executivo autorizado a abrir os necessarios creditos, até a importancia de 1.500:000\$, podendo fazer as operações de credito que se tornarem precisas».

Esse projecto indo á Comissão de Finanças, daquella Casa de Congresso, teve o seguinte substitutivo do seu relator, deputado José Bonifacio:

«Art. 2º Fica o poder executivo autorizado a

1º providenciar de modo a inaugurar-se no dia 2 de dezembro de 1925, em Petropolis, o mausoléu destinado a recolher os restos mortaes de D. Pedro II e sua familia;

2º a contribuir para a subscrição nacional promovida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, destinada á erecção de um monumento a D. Pedro II, em uma das praças desta capital;

3º a dar, no mesmo dia 2 de dezembro, á estação inicial da Estrada de Ferro Central do Brasil, a denominação de D. Pedro II, nome que será inscripto na fachada principal do edificio;

4º a mandar pôr, nessa mesma data, em circulação, sellos postaes de 200 réis e outros, com a effigie de D. Pedro II.

5º a abrir os necessarios creditos até a importancia de 1.000:000\$ para os fins desta lei e outras homenagens á memoria de D. Pedro, podendo fazer as operações de credito que se tornarem precisas».

Na sessão do dia 12 de novembro foi este substitutivo approved em plenario.

Essas manifestações por parte dos poderes da Republica e por parte dos legitimos representantes do povo, só nos podem orgulhar, só podem realçar os nobilitantes sentimentos dos republicanos, fazendo justiça ao grande Imperador, que tantos e tão relevantes serviços prestou á Patria que tanto amava.

INSTITUTO HISTORICO

O Instituto está constituído, presentemente, dos seguintes socios :

SOCIOS FUNDADORES: Dr. Manoel dos Santos Neves, dr. Bernardino de Souza Monteiro, dr. Affonso Claudio de Freitas Rosa, dr. Marcondes Alves de Souza Junior, dr. Arthur Lourenço de Araujo Primo, dr. J. J. Bernardes Sobrinho, dr. José Espindula Batalha Ribeiro, dr. Henrique O'Reilly de Sousa, dr. Padre Elias Tommasi, Luiz da Fraga Santos, prof. Adolpho Fernandes de Oliveira, dr. Lourenço Freitas Barbosa, dr. Marcilio de Lacerda, prof. Eduardo de Andrade e Silva, dr. Arnulpho Mattos, dr. João Lordello dos Santos Souza, dr. Antonio Gomes Aguirre, phco. Adolfo Fraga, dr. Aristoteles da Silva Santos, dr. Archimimo Martins de Mattos, dr. Antonio Francisco de Athayde dr. Carlos Xavier Paes Barretto, João Calmon Adnet, dr. Levino de Hollanda Chacon, prof. Elpidio Pimentel, dr. Carlos Sá, dr. Americo Coelho, general Andrade e Silva, dr. Manoel Monjardim, phco. Wlademiro da Silveira, dr. Argeu Monjardim, dr. Eurico Aguiar, dr. Arabello Lellis, dr. Ubaldo Ramallete Maia, dr. capitão Octavio Araujo, dr. Aurino Quintaes, prof. Aunon Sierra, dr. Aristeu Aguiar.

SOCIOS HONORARIOS : Dr. Florentino Avidos, general Candido Mariano da Silva Rondon, Barão de Ramiz Galvão, Conde de Affonso Celso, dr. Clovis Bevilacqua, dr. Max Fleiss, comte. Thiers Therning, dr. Pedro Celso, dr. Rocha Pombo, Conde de Jeronymo Monteiro, dr. Bruno Lobo, dr. Sá Vianna, dr. Mario Mello, dr. Oliveira Lima.

SOCIOS EFFECTIVOS : Dr. Cassiano Cardoso Castello, D. Benedicto Alves de Souza, dr. Alarico de Freitas, prof. Heraclito Amancio Pereira, dr. Moacyr Monteiro Avidos, dr. Luiz Adolpho Thiers Vellozo, dr. José Antonio Lopes Ribeiro, dr. Manoel Pimenta, dr. Attilio Vivasqua, dr. Francisco Gonçalves, dr. Josias Soares, dr. Christiano de Andrade, dr. Jair Dessaune, dr. Thomé Bezerra, dr. Fernando Rabello, dr. Oswaldo Poggi, dr. Ceciliano Abel de Almeida, dr. Jair Tovar, dr. Walter Siqueira, dr. Oscar Faria Santos, cel. Alziro Vianna, dr. Henrique Wanderley, dr. Paulo Americo Silvado, dr. Mario Imperial, prof. Theophilo Paulino da Silveira, prof. José Dias da Cunha, dr. Aristeu Portugal, padre Luiz Claudio de Freitas Rosa, dr. Augusto Lins, phco. Nilo Amancio Pereira.

SOCIOS CORRESPONDENTES: Dr. Eusebio de Souza, dr. Antonio de Araujo Aguirre, dr. Carlos Gonçalves, dr. Mario da Veiga Cabral, sr. Elpidio Boamorte, sr. Levino Fanzeres, dr. Bernardino de Souza,

dr. Coriolano de Medeiros, dr. Sebastião Barroso Nunes, dr. Honório de Souza Silvestre, dr. Afrânio Peixoto, dr. Virgílio A. Corrêa Filho, D. Helvecio Gomes de Oliveira, D. Manoel Gomes de Oliveira, dr. Elysio de Carvalho, dr. Adhemar Grijó, dr. Mario Freire, Comd. Candido Costa, dr. José de Freitas Bastos, dr. Theodoro Sampaio, dr. Flavio Maroja, dr. Matheus Oliveira.

SOCIOS FALLECIDOS: Dr. Moniz Freire, desembargador Francisco de Paulo Mendes Wanderley, dr. Deocleciano de Oliveira, prof. Amancio Pereira, dr. Jonas Montenegro, dr. Luiz Jouffroy, prof. Aristides Brasileiro de Barcellos Freire e publicista Francisco da Silva Rufino.

ADOLFO FRAGA

1º SECRETARIO